

O Portador da Luz Para os buscadores da Verdade

Lúci^ufer[®]

Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia – a fonte comum de todas as grandes religiões, filosofias e ciências do mundo

18 milhões de anos de
Theosophia, 150 anos de
Teosofia

*Fundamentos da Filosofia
Esotérica*

O perigo de ser contra

Lidar com pacientes
psiquiátricos

Por que viajamos?

Perguntas que as crianças
fazem - parte 3

Um bom exemplo exerce
uma influência positiva

2025



18 milhões de anos de Theosophia,
150 anos de Teosofia

As três proposições fundamentais da Teosofia

Por mais abrangentes que sejam os ensinamentos teosóficos, eles se baseiam em três proposições fundamentais. Para uma compreensão adequada da Teosofia, é necessário considerá-las cuidadosamente.

A primeira proposição fundamental: Ilimitabilidade

*Um PRINCÍPIO Onipresente, Eterno, Sem Limites e Imutável sobre o qual toda especulação é impossível, pois transcende o poder da concepção humana e só poderia ser diminuído por qualquer expressão ou similitude humana. (...) Uma Realidade absoluta que antecede todo ser manifestado, condicionado.**

E, embora desconhecida, essa realidade absoluta é a base de toda a vida.

A segunda proposição fundamental: Ciclicidade

*A Eternidade do Universo in toto em sua totalidade como um plano sem limites; periodicamente 'o cenário de inúmeros Universos que se manifestam e desaparecem incessantemente', chamados de 'as estrelas que se manifestam' e as 'centelhas da Eternidade'.**

Todos os seres são 'centelhas da eternidade' imperecíveis, passando alternadamente por fases de vida ativa e descanso interior (sono ou morte), em um processo cíclico incessante.

A terceira proposição fundamental: A equivalência essencial de toda vida

*A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma Suprema Universal, sendo esta última, por sua vez, um aspecto da Raiz Desconhecida; e a peregrinação obrigatória de cada Alma - uma centelha da primeira - através do Ciclo de Encarnação (ou 'Necessidade') de acordo com a lei cíclica e kármica, durante todo o período.**

A mesma Vida Única flui através dos corações de tudo o que existe. Tudo está vivo. Não há matéria morta. Portanto, tudo é essencialmente igual. Tudo possui latente as mesmas faculdades que o todo maior do qual faz parte (Alma Suprema) e gradualmente desdobra essas faculdades inerentes, reincorporando-se constantemente (segunda proposição). Esse crescimento da consciência sempre ocorre em interação e é ilimitado (primeira proposição).

* Fonte: H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*. Volume I, p. 43-47 (paginação edição original).

Para mais explicações, consulte nosso website:
blavatskyhouse.org/about-us/what-is-theosophy/

Interessado em nossas palestras?

assista-as em nosso canal no YouTube:

[youtube.com/](https://www.youtube.com/)

[@theosophicalociety-tspl](https://www.youtube.com/@theosophicalociety-tspl)

Editorial

2

18 milhões de anos de Theosophia, 150 anos de Teosofia

p. 3

Em 1875, a Hierarquia da Compaixão iniciou um grande impulso espiritual no mundo, no qual H.P. Blavatsky desempenhou um papel fundamental. Onde estamos agora, depois de 150 anos, o que foi alcançado? E por que é de grande importância de divulgar a Teosofia? Em nossas palestras de janeiro a maio de 2025 queremos colocar esse impulso sob uma luz muito mais ampla do que apenas focar em Blavatsky.

Herman C. Vermeulen

Fundamentos da Filosofia Esotérica

Uma colaboração entre Katherine Tingley e Gottfried de Purucker para aprofundar a compreensão de *A Doutrina Secreta* de Helena P. Blavatsky

p. 6

Em outubro de 2023, foi apresentada a tradução para o português de *Fundamentos da Filosofia Esotérica*, de Gottfried de Purucker. Para essa ocasião, Johanna Vermeulen deu uma palestra sobre o papel inspirador que Katherine Tingley desempenhou na realização desse livro. Essa palestra oferece uma visão do antigo método de ensino esotérico usado por Katherine Tingley e Gottfried de Purucker.

Johanna Vermeulen

O perigo de ser contra

Como podemos nos apegar ao nosso ideal

p. 11

Se a busca de um ideal significar ser contra outras pessoas que você supõe que estejam impedindo o ideal, ele nunca será realizado.

Barend Voorham

Lidar com pacientes psiquiátricos

p. 16

Um artigo sobre pacientes psiquiátricos e como podemos ajudá-los da melhor forma possível.

Barend Voorham

Por que é que viajamos?

p. 24

Hoje em dia, viajamos muito. É quase um dado adquirido voar para os destinos mais exóticos durante as férias. Por que viajamos? E por que o sábio Lao-tse diz: 'Sem sair de casa, pode conhecer o mundo todo?'

Erwin Bomas

Perguntas que as crianças fazem - parte 3

p. 29

Em um programa de rádio, o apresentador conversou com crianças sobre leitura e livros. Uma das crianças perguntou: *Quantos livros vazios ainda restam?* Que visão estaria por trás dessa pergunta? Como você responderia, de modo a estimular a admiração da criança?

Astrid Kramer

Um bom exemplo exerce uma influência positiva

p. 30

A professora holandesa do ensino fundamental Anne Steenhoff ficou chocada com o nível de leitura de seus alunos. Em vez de esperar que o diretor da escola tomasse providências, ela tomou a iniciativa de melhorar a situação. Como? Sendo ela mesma o exemplo de leitura.

Bouke van den Noort

Perguntas & Respostas

33

» Três perguntas científicas

Desenvolvimentos na ciência

36

» Qual é o caráter de um ser solar?

Agenda

39

» Palestras no domingo

» Conferências Internacionais de Teosofia

Editorial

Vivemos em tempos conturbados. Estamos em Kali-Yuga. No entanto, essa ‘idade do ferro’ não significa que tudo deva seguir o caminho errado. Significa muito mais que os desenvolvimentos estão ocorrendo em um ritmo furioso. Depende de nós mover esses desenvolvimentos em uma direção mais espiritual e compassiva. Essa é a missão de *Lúcifer – o Portador da Luz*.

Ao fazer isso, nós nos unimos a uma tradição antiga, muito mais antiga ainda do que os 150 anos de existência da Sociedade Teosófica. Desde o início da mente humana, esforços têm sido feitos para inspirar o homem. O artigo *18 Milhões de Anos de Theosophia, 150 Anos de Teosofia* reflete sobre isso.

Para que esses desenvolvimentos tomem uma direção mais espiritual, é necessária uma visão diferente da vida. Essa visão é explicada de forma clara e profunda no livro de Gottfried de Purucker, *Fundamentos da Filosofia Esotérica*. Esse livro foi traduzido para o português e, em sua apresentação, houve uma conversa fascinante sobre o papel de Katherine Tingley, que incluímos nesta edição.

A vontade de mudar a sociedade pode levar as pessoas a lutar contra o sistema atual ou contra aqueles que estão no poder. Isso não é isento de perigo. Há uma maneira mais sábia de alcançar uma sociedade diferente, como lemos no artigo *O perigo de ser contra*.

Em nosso tempo atual, para muitos, a pressão é tão alta que eles ‘enlouquecem’ e contraem uma doença mental. A medicação não cura alguém com uma doença mental. Mas o que fazer então? O artigo *Lidando com pacientes psiquiátricos* oferece algumas ideias que, a propósito, são importantes para todos, pois a linha entre um paciente psiquiátrico e uma pessoa ‘saudável’ é muito tênue.

Outro fenômeno do nosso tempo é que as pessoas viajam. Alguns refugiados precisam viajar. E há também os migrantes de trabalho. Mas parece que viajar é uma coisa quase natural. Por que as pessoas viajam e existe algo como uma viagem interior? O artigo *Por que é que viajamos* aborda esse assunto em profundidade.

Como consideramos muito importante a interação com nossos leitores, sempre aceitamos perguntas. Nesta edição, você encontrará algumas perguntas sobre uma ampla variedade de tópicos, juntamente com nossas opiniões sobre elas. Há, é claro, as perguntas das crianças que nos deixam maravilhados. Temos o prazer de continuar nossa série de perguntas feitas por crianças.

Em seguida, há três perguntas científicas: uma sobre o adoçante artificial, a sucralose. Há uma pergunta sobre nosso sistema solar e, em particular, sobre um planeta de movimento lento ainda mais distante do sol do que Plutão. E uma pergunta sobre história também não é ignorada.

Muitas vezes nos fazem perguntas sobre deuses. Nesta edição, em particular, respondemos à pergunta sobre quem é o deus hindu Krishna. Ele é um deus fora de nós ou é, como afirma o Bhagavad-Gītā, nosso próprio *Self* mais elevado? Por fim, há um pequeno artigo que faz uma análise teosófica de um fenômeno astronômico: os terremotos estelares: o ‘batimento cardíaco’ de uma estrela.

Como Platão disse com razão, as ideias governam o mundo. As ideias que esperamos disseminar com *Lúcifer – o Portador da Luz* – e estamos fazendo isso em quatro idiomas – podem nos ajudar a continuar nossa peregrinação juntos rumo a um mundo mais espiritual e baseado na compaixão. E você sabe: quanto mais pensamos sobre essas ideias, mais fortes elas se tornam. Portanto, agradecemos todas as perguntas, comentários e respostas.

Os editores



Pensamentos-chave

» 2025 é um ano de aniversário para a Sociedade Teosófica. Em nossas palestras, queremos mostrar que o impulso de 1875 veio de uma organização que já está ativa há 18 milhões de anos.

» Novas percepções nos dão mais luz, mas também nos mostram o que precisa ser esclarecido, caso contrário não haverá progresso. Compreender adequadamente a Teosofia e suas consequências requer uma abordagem rigorosa e disciplinada.

» A Teosofia é certamente tão científica quanto a ciência pode ser. Para apreciar os métodos dos Mestres em seu verdadeiro valor, é preciso ter conhecimento de Teosofia.

» Nossa tentativa é tornar a Teosofia mais popular, mas sempre de acordo com os princípios explicados nas fontes originais.

» Quanto mais você entender a Teosofia, maior será a área que ela cobre.

» Como Teosofistas, não podemos fazer o suficiente para disseminar esse conhecimento. E a melhor forma de disseminação é ser um exemplo vivo, mostrando seu valor na prática.

Herman C. Vermeulen

18 milhões de anos de Theosophia, 150 anos de Teosofia

O fim do ano, viva o ano novo

Olhamos para trás e vemos um 2024 conturbado. É um ano cheio de problemas, inclusive guerras. É um ano em que a pomba da paz não teve lugar para pousar. Um ano em que a Teosofia pode e poderia fazer muito, mas em que nem sempre teve a abertura que merece, ou encontrou aberturas, para deixar essa sabedoria brilhar.

Sob essa perspectiva, o próximo ano é importante. Em 2025, serão 150 anos desde que a Sociedade Teosófica foi fundada. Portanto, este é um ano de aniversário. H.P. Blavatsky e seus Professores deram o impulso em 1875 que resultou em uma organização teosófica, que se ramificou em várias organizações teosóficas diferentes após a morte de Blavatsky (em maio de 1891).

O próximo período será envolvente e intenso para a Sociedade Teosófica de Point Loma (TSPL). Na segunda metade da nossa temporada de palestras de 2024-2025, de fevereiro de 2025 a junho de 2025, a TSPL está organizando uma série de palestras importantes. Queremos apresentar o 150º aniversário desse impulso sob uma luz muito mais ampla do que apenas focar em Blavatsky.

Queremos mostrar que ela foi a figura de proa de uma organização muito maior, que já está ativa há 18 milhões de anos e que não é, ou é muito pouco, conhecida em nosso mundo. A fundação da organização teosófica em 1875 foi uma de suas muitas tentativas de disseminar a Theosophia novamente entre a humanidade, realizada por seres além de nós mesmos, a fim de ajudar a humanidade a se tornar mais humana e a se elevar acima do comportamento animal. Por isso, nossa série de palestras até junho de 2025 tem como tema central: *18 milhões de anos de Theosophia, 150 anos de Teosofia.*⁽¹⁾

O que queremos divulgar nessas palestras? Daremos as palestras a partir de várias perspectivas. Este artigo não tem espaço para detalhar todas elas. Faremos isso ao longo de 5 meses em 20 palestras de cerca de 1 a 1,5 horas cada. Esperamos divulgar o conteúdo dessas palestras em uma publicação integral no final da temporada de palestras.

Em resumo, gostaríamos de dar atenção a todo o iceberg, não apenas à sua ponta. Gostaríamos de explicar o impulso de 1875, liderado por Blavatsky, seus Professores e seus associados, como uma expressão de uma organização que está ativa há 18

milhões de anos e é conhecida, entre outros nomes, como a *Loja da Sabedoria e Compaixão*.

Não se pode duvidar do fato de que, nos últimos 150 anos, Blavatsky tem servido como o rosto de todo o conhecimento teosófico difundido no mundo, em sua forma pura ou poluída. Mas falaremos mais sobre isso adiante.

Mais informações sobre as palestras podem ser encontradas em nosso site www.blavatsky.org. Você perdeu uma palestra? Nossas palestras podem ser assistidas novamente em nosso canal do youtube, Theosophical Society Point Loma - Blavatskyhouse.

Estamos agora 150 anos depois

A pergunta se justifica: em que pé estamos agora, depois de 150 anos; o que foi alcançado? Conseguimos alcançar o que queríamos? Esperamos discutir isso em detalhes na série de palestras no primeiro semestre de 2025.

Esses 150 anos não foram isentos de problemas. Longe disso; aparentemente, o crescimento deve ser acompanhado de dor – embora, de acordo com nossa visão, não precise ser assim, se vivermos mais em harmonia com as grandes leis. Novas percepções nos dão mais luz, mas também nos mostram o que precisa ser limpo, caso contrário, não haverá progresso.

Essas percepções podem ser aplicadas para o benefício da humanidade no sentido mais amplo, ou também podem ser usadas para benefício próprio. Não há dúvida de que o mau uso da Teosofia em benefício próprio ocorreu nos últimos 150 anos. Mas para entender a Teosofia corretamente é preciso estar disposto a aceitar que o conhecimento requer uma abordagem rigorosa e disciplinada.

Abordagem científica

O 150º aniversário das organizações teosóficas não escapou à atenção fora dos círculos teosóficos. De fato, artigos mordazes foram escritos sobre o trabalho de H.P. Blavatsky e seus Mestres – o que, em si, não é novidade – por historiadores que afirmam ter um nível científico.

O que mais me incomoda é o fato de que historiadores científicos que investigaram a Teosofia, os métodos na época de Blavatsky e a organização, os Professores e seus alunos, chegam à simples conclusão em suas publicações de que tudo é falso.

Vamos dar uma olhada no que é necessário para escrever um artigo cientificamente sólido e conseguir publicá-lo. Suponhamos que eu queira publicar um artigo sobre a visão científica da relatividade em uma revista científica de boa reputação. Então, preciso mostrar o curso que fiz e em

quais universidades estudei, em relação ao escopo do tópico. Devo indicar quais colegas profissionais apoiam meu artigo e qual é a formação deles. Se eu não tiver estudado o tópico do meu artigo, ele será totalmente rejeitado. Nosso ponto é: os historiadores mencionados acima tiveram tempo para estudar Teosofia antes de tirar conclusões? Na Teosofia, falamos de forças e energias que são pouco conhecidas até mesmo pela ciência atual. As pessoas que não estudaram Teosofia têm dificuldade em entender isso. No entanto, é um método cientificamente reconhecido assumir provisoriamente tal proposição (a existência de forças não descobertas) e depois ver se ela é apoiada pelos fatos.

Não é incomum na ciência trabalhar com base em uma hipótese ou proposição. Por exemplo, a velocidade da luz ainda não foi determinada de forma definitiva. Einstein supôs, afirmou, que a luz se propaga com a mesma velocidade em todas as direções. Essa é uma afirmação que até hoje não foi comprovada. E sejamos claros: provar esse teorema certamente não é uma questão simples. Mas a velocidade da luz é a unidade de medida pela qual calculamos o universo inteiro. Suponhamos que o teorema de Einstein nem sempre se mostre verdadeiro, o que resta de nossa visão atual do universo?

Estudar os métodos dos Mestres

A Teosofia é certamente tão científica quanto a ciência pode ser. E para reconhecer isso, você precisa se aprofundar na Teosofia. Um dos grandes obstáculos é o valor dos documentos teosóficos históricos. A maior parte da correspondência dos Mestres está guardada na *Biblioteca de Londres*. Essas cartas foram precipitadas. Esse processo significa: você cria cartas ou outros documentos precipitando carbono do ar sobre o papel, na forma de escrita à mão. Agora, todos os dias, centenas de milhares de fotocopiadoras fazem exatamente a mesma coisa, eletrostaticamente, precipitando carbono ou substâncias mais adequadas (chamamos isso de ‘toner’) no papel. Como deve ter sido estranho quando isso foi feito na época de Blavatsky (final do século XIX)?

Outro processo que não é compreendido é a comunicação entre os Mestres e H.P. Blavatsky, e entre os Mestres e seus discípulos. Considere este exemplo: se eu ligar para alguém agora por meio do meu celular e do celular dessa pessoa e perguntar a ela: “Você pode escrever o texto a seguir para mim e passá-lo para xxx?” E eu também ligar para outra pessoa, também pelo celular, e citar um texto adicional à primeira mensagem, pedindo: “Por favor, combine os

dois”. Então, qual é o resultado? Um documento composto por diferentes caligrafias que também podem mostrar um uso um pouco diferente da linguagem. Esse mesmo princípio explica os diferentes estilos às vezes vistos nos escritos dos Mestres.

Para apreciar o trabalho de Blavatsky e os métodos da Loja de Sabedoria e Compaixão em seu verdadeiro valor, é necessário um conhecimento mais profundo de Teosofia. Porém, ainda mais importante é testar esse conhecimento de forma independente e depois *viver de acordo com ele*: ser esse conhecimento. Somente aplicando-o na vida cotidiana é que se experimenta o valor e o poder desse conhecimento.

Luta para manter os ensinamentos disponíveis em sua forma pura

Os verdadeiros Teosofistas estão engajados em uma luta constante para manter a Teosofia pura: para mantê-la disponível em sua forma pura, mas também para manter vivo o conhecimento sobre a sua fonte e a maneira de trabalhar da Hierarquia da Compaixão. Muitas vezes, com a melhor das intenções, a Teosofia é popularizada para atrair mais interesse. Mas não devemos querer competir com as mídias sociais feitas de forma atraente. A Teosofia tem um caráter totalmente diferente. Na mídia social, certamente não somos o canal mais popular.

A tentativa de tornar a Teosofia mais popular certamente não está errada. Mas isso não deve ser feito adaptando fontes e documentos originais onde sentimos que isso é necessário, pensando que é uma melhoria. Escrever ou falar em termos populares, sim, mas fazê-lo de acordo com as fontes originais. Esse é um grande desafio. Declare claramente: “Como eu entendi os princípios”.

A Teosofia é definível?

Essa é outra questão importante, se quisermos manter a Teosofia não dogmática. A palavra Teosofia vem dos dois termos gregos ‘Theos’ e ‘Sophia’, unidos para formar ‘Theosophia’: a Sabedoria dos Deuses.

Esse conhecimento não é um campo restrito. A definição de Teosofia depende de quem está estudando essa sabedoria e do que essa pessoa entendeu sobre ela. Portanto, uma descrição ou definição exata é praticamente impossível. Quanto mais você estuda Teosofia e quanto mais entende sobre ela, maior é a área que ela abrange. Considere a definição que W.Q. Judge usa em seu livro *O Oceano da Teosofia*: “A Teosofia é aquele oceano de conhecimento que se estende de costa a costa da evolução dos seres sencientes; insondável em suas partes mais profundas, dá às

maiores mentes seu escopo mais completo, mas, raso o suficiente em suas margens, não sobrecarregará a compreensão de uma criança.”⁽²⁾

O objetivo de nosso trabalho teosófico

O fato de a Theosophia ter voltado a ser conhecida pelo mundo sob o nome de Teosofia em 1875 teve grande influência, direta e indiretamente, no pensamento humano. Embora a humanidade não tenha se dado conta ou não tenha começado a se dar conta de tudo isso.

Essa sabedoria vem sendo disseminada há 18 milhões de anos, tendo como motivo principal a *Fraternidade Universal*: uma fraternidade baseada nas Leis e no conhecimento do Universo e na Sabedoria derivada disso. A noção de Fraternidade deve nos dar a compreensão de como interagir uns com os outros. Como podemos nos desenvolver ainda mais como seres humanos, sem entrar em batalhas uns com os outros, mas sim ajudando uns aos outros.

A humanidade estava e ainda está no início de um novo ciclo, uma nova fase em sua evolução. Estamos, portanto, vivendo em uma fase crítica, na qual muito dependerá da maior parte da humanidade e que determinará grande parte do progresso da humanidade. Portanto, como Teosofistas, não podemos fazer o suficiente para disseminar esse conhecimento. E a melhor forma de disseminação é ser um exemplo vivo, mostrando seu valor na prática.

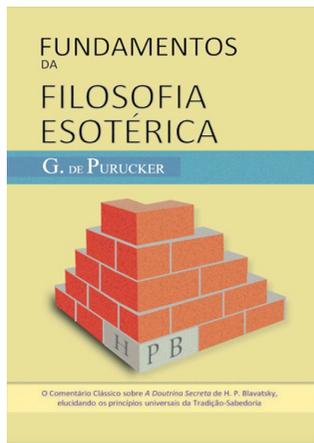
Expressamos o desejo, em nome de todos os nossos companheiros teosofistas, de que o próximo período nos leve a uma compreensão mais profunda.

Referências

1. Veja a agenda na página 39. Para ver a programação completa, acesse www.blavatskyhouse.org.
 2. William Q. Judge, *The Ocean of Theosophy (O Oceano da Teosofia)*. Várias edições. Capítulo 1, primeira frase.
-

Fundamentos da Filosofia Esotérica

Uma colaboração de Katherine Tingley e Gottfried de Purucker para aprofundar a compreensão de *A Doutrina Secreta* de Helena P. Blavatsky



Em outubro de 2023, foi apresentada a tradução para o português de *Fundamentos da Filosofia Esotérica* de Gottfried de Purucker. Para essa ocasião, Johanna Vermeulen deu uma palestra sobre o papel inspirador que Katherine Tingley desempenhou na criação desse livro. Essa palestra oferece uma visão do método esotérico consagrado pelo tempo de ensino usado por Katherine Tingley e Gottfried de Purucker na Seção Esotérica da Sociedade Teosófica em Point Loma – um método que demonstra uma profunda percepção psicológica. Como essa palestra também é muito valiosa os editores decidiram publicá-la.

E um anúncio gratificante: recentemente, a tradução em português de os *Fundamentos da Filosofia Esotérica* também pode ser encontrada em nosso website e pode ser baixada gratuitamente.

Amigos, é um verdadeiro prazer participar da apresentação da tradução para o português do maravilhoso livro *Fundamentos da Filosofia Esotérica*, de Gottfried de Purucker. Nossos amigos brasileiros pediram algumas informações básicas, que lhes permitissem construir uma imagem melhor do valor e do lugar desse livro dentro do Impulso Teosófico de 1875 até o presente. E eu gostaria de começar com duas reflexões.

Em primeiro lugar, antes de começar a ler o livro, leia as duas breves introduções do livro: uma de Trevor Barker e outra de Kenneth Morris. Essas duas juntas são realmente reveladoras. E o segundo pensamento é

que, embora todo mundo o veja como um livro de Gottfried de Purucker, isso não é totalmente verdade. Sim, seu nome está na capa como autor. Sim, todas as palavras do livro foram ditas por ele. Mas se você souber um pouco sobre ensinamentos esotéricos, entenderá que, na verdade, sua instrutora, Katherine Tingley, foi a verdadeira inspiração. Vou explicar isso. Em 1924, ano em que começaram os estudos de *A Doutrina Secreta*, que acabaram sendo publicados como *Fundamentos da Filosofia Esotérica*, Katherine Tingley era líder da Sociedade Teosófica, cuja sede ficava em Point Loma, Califórnia. Em 1891, William Quan Judge

assumiu a liderança no lugar de Helena Petrovna Blavatsky. Katherine Tingley sucedeu a William Quan Judge em 1896 e ocupou o cargo até 1929.

A missão de Katherine Tingley

É fácil entender qual era sua missão como líder. Ela trabalhou em três linhas.

Primeiro, ela treinou e inspirou os estudantes de Teosofia, mas especialmente os membros, a *viver* a Teosofia. Ela treinou os membros para desenvolver e enobrecer seu caráter. Ela treinou a autodisciplina em altruísmo.

Todo o seu ensinamento de Rāja Yoga foi baseado nisso: desenvolver *sabedoria* em vez de mero *conhecimento*. Só então é possível reconhecer os ensinamentos dados em sua profundidade interior. Pois é tarefa dos membros, agora e no futuro, transmitir os ensinamentos originais de H.P.B. e dos Mestres de forma inalterada, sem verniz. O impulso espiritual de 1875, iniciado pelos Mestres Kuthumi e Morya e colocado em palavras por H.P.B. em livros, artigos e instruções, veio no início de um novo ciclo messiânico de 2160 anos. Isso significa que esses ensinamentos, dados a partir de 1875, deveriam permanecer intactos por mais de 2.000 anos, acessíveis a todos.

Seu segundo curso de ação foi treinar seu sucessor, Gottfried de Purucker, no *ensino*: na explicação desses ensinamentos de forma tão inspiradora que despertasse o coração do ouvinte, de modo que seu significado mais profundo pudesse ser compreendido.

E sua terceira tarefa foi trazer *A Doutrina Secreta* de volta ao foco dos buscadores da verdade. De 1896 a 1924 (ou seja, 4 vezes 7 = 28 anos), ela dedicou todo o seu tempo e energia, apoiada por sua equipe bem treinada em Point Loma, para colocar os ensinamentos originais trazidos por H.P.B. de 1875 a 1891 em uma base mais firme. Isso era necessário? Sim, de fato. Com o passar dos anos, esses ensinamentos originais ficaram em segundo plano em todo o mundo, às vezes ignorados por completo. Um exemplo. Em algumas organizações teosóficas da época, as pessoas eram incentivadas a estudar outros autores, como Krishnamurti, por exemplo, em vez de *Ísis Sem Véu* e *A Doutrina Secreta*, de Helena P. Blavatsky.

O método esotérico de estudo

No final de 1923, Katherine Tingley fez um chamado para iniciar um estudo de *A Doutrina Secreta*, a fim de apresentar o profundo conhecimento de Gottfried de Purucker sobre *A Doutrina Secreta* a seus membros. Ela iniciou uma série de estudos que durou quatro anos, de 4 de janeiro de

1924 a 1927. Ela fez esse apelo aos membros da Sede Central em Point Loma, mas especialmente aos membros de sua escola esotérica, a Lodge of Light (Loje de Luz). Assim, ela reuniu em torno de Gottfried de Purucker um grupo de membros que haviam estudado *A Doutrina Secreta* por muitos anos.

Ela trabalhou com o método oriental de estudo, que também se encontra em Platão: partindo de ideias universais e depois se aprofundando cada vez mais nos detalhes, ciclo após ciclo, lição após lição. Essa é a maneira pela qual a cabeça e o coração desenvolvem novas percepções ou, como diz Platão, *relembra-nas* de vidas passadas.

A breve explicação de Gottfried de Purucker sobre esse método pode ser encontrada nas páginas 288-289 de *Fundamentos da Filosofia Esotérica*. (A paginação da tradução em português é a mesma da edição original em inglês):

“Todos nós possivelmente já ouvimos falar de ‘contradições’ em *A Doutrina Secreta*, ou em nossos ensinamentos esotéricos. Não há contradições ali; há contradições *aparentes*, se você quiser, mas uma contradição aparente é realmente a figura de linguagem chamada de *paradoxo*. É a famosa maneira ancestral das antigas Escolas de Ocultismo, ensinar por paradoxos ou por parábolas, como se diz que Jesus fez. Há a manifestação de um conhecimento profundo da psicologia humana ao basear os ensinamentos neste princípio. O objetivo é deliberadamente despertar a mente, surpreender, fazer o ouvinte *pensar por si mesmo*. Não se pode ensinar uma criança a comer ou a caminhar, andando por ela ou alimentando-se por ela. Ela deve aprender a se alimentar por si mesma. Ela mesma deve aprender a andar.

Da mesma forma, os estudantes, neófitos, devem aprender a pensar por si mesmos, a se colocar de pé. É, repito, um conhecimento muito profundo da psicologia, do pensamento humano, que fez os antigos Instrutores, e faz com que nossos Mestres de Sabedoria hoje, sigam os mesmos princípios antigos, um método que nossa Instrutora aqui nos indicou a seguir quando estes estudos foram iniciados. Vocês devem ter notado que em nenhum caso, qualquer assunto foi, a princípio, declarado ou seguido até o fim, primeiro porque é impossível; segundo, porque era obviamente necessário dizer certas coisas primeiro, tentando despertar a atenção, tentando suscitar objeções *honestas* – não meramente críticas – mas objeções honestas em suas *próprias* mentes que vocês mesmos devem resolver; e depois, mais tarde, outros aspectos do assunto foram trazidos à tona e outros lados dos ensinamentos foram dados.

Alguns de vocês conhecem este fato, é claro; mas estou falando mais particularmente de nossos membros mais novos e mais jovens. Este método é um sistema de ensino diametralmente oposto ao que é seguido no mundo ocidental desde a queda das civilizações mediterrâneas. O método popular hoje é o da pura mente-cérebro, daquela mente que é mortal e se desfaz em pedaços com a morte do corpo. Seu forte é a mera memorização de tempos, lugares, nomes, datas, etc., em suma, tudo o que pode ser memorizado a partir de livros ou ocorrências diárias, e enfiado no cérebro; e esta mente morre. Esta é uma razão pela qual não nos lembramos de nossas encarnações passadas, porque nossas mentes eram insignificantes e lidavam com coisas pequenas e evanescentes. Mas, Camaradas, a memória de nossas encarnações passadas, no entanto, é herdada e permanece em nossa natureza superior, pois esta natureza trata apenas de princípios e do geral; e algum dia, quando tivermos passado para fora e além de nosso planeta, lembraremos dessas vidas passadas, ...”

Foi isso que Gottfried de Purucker disse a seus estudantes.

A estrutura do livro

As duas primeiras reuniões de 4 de janeiro e 12 de janeiro de 1924 não constam da edição original do livro em inglês de 1932. Mas o texto em inglês dessas duas reuniões pode ser baixado de nosso site, e nas traduções em português e holandês você encontrará esse texto antes do primeiro capítulo. Por que essas duas reuniões são tão importantes? Porque neles Gottfried de Purucker, juntamente com Katherine Tingley, trata das ideias mais universais da Teosofia: os três princípios fundamentais de *A Doutrina Secreta*. Portanto, leia este acréscimo antes de iniciar o Capítulo 1.

Cada um dos 48 capítulos do livro é a elaboração dos relatórios estenográficos de uma reunião cada. Após os três princípios fundamentais, Gottfried de Purucker trata nos primeiros 15 capítulos – ou seja, os relatórios das primeiras 15 reuniões – das Sete Joias da Sabedoria, os sete principais ensinamentos da Theosophia. Ele as trata uma a uma, mas não como leis separadas, e sim integradas à visão mais ampla dos três princípios. Um arco-íris de sete cores – proveniente de três cores primárias – proveniente de uma luz branca.

Nas próximas 30 sessões, capítulos 16 a 45, ele se aprofunda um pouco mais a cada vez, ciclo após ciclo, em todas as Sete Joias ou ensinamentos principais em sua combinação. Ele as combina em um entendimento maior. Nos últimos três capítulos 46, 47 e 48, Gottfried de

Purucker não se concentra em *A Doutrina Secreta*, mas nas consequências do conhecimento de *A Doutrina Secreta* para a vida do discípulo: em nossa decisão de nos tornarmos discípulos no Caminho da Compaixão e, com a sabedoria agora adquirida, dedicarmos nossa vida a servir a humanidade. E essa decisão, em última análise, nos leva a alcançar o estado de Buddha, tornando-nos unos com o Coração místico do Universo. Esses são tópicos que H.P.B. aborda em seu livreto *A Voz do Silêncio* e em suas *Instruções Esotéricas*.

E quase todos os 48 capítulos começam com um texto de *A Doutrina Secreta*, que Gottfried de Purucker elabora nesse capítulo. Portanto, meu conselho para entender o livro ainda melhor é procurar esse mesmo texto em *A Doutrina Secreta* e lê-lo em seu contexto.



A liderança inspiradora de Katherine Tingley

Em todo o livro, a influência inspiradora de Katherine Tingley pode ser reconhecida em segundo plano. Três exemplos:

Na página 9, imediatamente após uma citação de *A Doutrina Secreta*, Gottfried de Purucker diz:

Seguindo as orientações da Instrutora, como as entendemos, parece não apenas apropriado, mas necessário abrir nosso estudo dos assuntos mais secretos que *A Doutrina Secreta* trata, perguntando de que maneira ou por qual método obtemos um entendimento e uma compreensão dessas doutrinas?

E nas páginas 37-38 ele diz:

Essas reuniões, como nossa atual Instrutora nos disse tantas vezes, não são apenas para fins de estudo intelectual, nem para divertir-nos com conhecimento místico e abstruso; mas principalmente e primeiramente com o objeti-

vo de obter o fundamento correto para as visões corretas, que governarão a conduta humana. Quando nós temos esse fundamento, temos o começo de todas as leis; podemos afetar o mundo não apenas por nossos próprios pontos de vista e por nossos próprios atos, mas por aqueles ou outros membros que entrarão e aumentarão nosso número; e, além disso, seremos capazes de afetar o governo do mundo no tempo, não direta e imediatamente, talvez, mas indiretamente e ao longo do tempo. Todas as coisas horríveis que perplexam, confundem e afligem a humanidade hoje surgem, quase totalmente, da falta de pontos de vista corretos e, portanto, da falta de conduta correta..

[...] Afirmamos aqui de uma só vez que o núcleo, o coração, o centro dos Mistérios Arcaicos eram os problemas abstrusos relacionados à Morte. Esses ensinamentos ainda possuímos, e quando a Instrutora disser que é hora de divulgá-los, eles serão divulgados; ela é a juíza de quando isso deve ser.

E para mostrar como Katherine Tingley garantiu que Gottfried de Purucker constantemente desse à compaixão um lugar central em seus ensinamentos, aqui está um terceiro exemplo. Nas páginas 303-304 ele explica como os continentes nos quais as várias Raças-Raiz vivem são destruídos no final de tal Raça. Ele explica:

Quando nossa Raça Raiz estiver chegando ao fim, a próxima catástrofe será demonstrada por imensos distúrbios sísmicos e vulcânicos sistêmicos e menores, anunciando a submersão de nosso sistema continental e o surgimento de novas terras para a seguinte Sexta Raça, a ação do fogo. Quando o sistema atlante caiu, quando o sistema continental atlante teve sua catástrofe que lentamente o sobrecarregou com inundações, foi a água que o causou.

Em seguida, Katherine Tingley interveio e disse:

Gostaria de perguntar ao Professor de Purucker se ele dará uma explicação – que eu acho que seria satisfatória para vocês, e que ele poderia fazer muito melhor do que eu – e mostrar qual será o estado da civilização, qual será o estado da humanidade, no final dessas diferentes Raças – quando chegar o fim? Como será marcada a evolução? Não serão aquelas pessoas que parecerão ser as ‘vítimas’ da terrível catástrofe que vem no final de cada raça, que terão o conhecimento dos segredos da morte e que olharão para o renascimento como uma libertação gloriosa?

Prof. de Purucker:

Acho que sim; sim, é assim. O fim de cada raça traz consigo uma perfeição do que aquela raça se esforçava para realizar. E ousou dizer que se pudéssemos olhar para trás e saber o que aconteceu quando o continente da Atlântida afundou, deveríamos perceber que mesmo aqueles comparativamente poucos que por morte deixaram o corpo físico durante aquela catástrofe, tiveram a percepção de que o que tiveram que sofrer não era nada mais e nada menos que uma forma de morte inevitável para todos os homens mais cedo ou mais tarde. Eles sabiam melhor do que nós agora, embora muito mais afundados na matéria, que a vida é eterna, pois, na verdade, não há nada além de vida em todos os lugares!

Fundação por 2.000 anos

Vejam, amigos, 48 capítulos, 48 sessões de estudo distribuídas ao longo de quatro anos. Todas registradas es-tenograficamente com a intenção de publicá-las – para permitir que as gerações posteriores de teosofistas, você e eu, pudessem entender mais facilmente as ideias espirituais inovadoras de *A Doutrina Secreta*. E isso funciona! Em nossa Sociedade Teosófica de Point Loma, estudamos *A Doutrina Secreta* e os *Fundamentos da Filosofia Esotérica* lado a lado com nossos membros, inclusive com aqueles que eram membros há pouco tempo. E a resposta deles sempre foi: “Agora entendo muito melhor o que H.P.B. quer dizer em *A Doutrina Secreta* e o que posso fazer com ela em minha vida”.

Exatamente como Katherine Tingley queria e previa, esses *Fundamentos* foram oficialmente publicados para um público mais amplo em 1932, durante a liderança de Gottfried de Purucker. Nove anos antes, Trevor Barker, amigo íntimo de Gottfried de Purucker por toda a vida, publicou *As Cartas dos Mahatmas para A.P. Sinnett*. Duas obras padrão, que ancoram o coração da Theosophia.

Amigos, com esta breve introdução, tenho o prazer de contribuir para o fantástico trabalho do pequeno grupo de teosofistas brasileiros e de outros países de língua portuguesa. Ao traduzir este livro, mas especialmente ao estudá-lo e compreendê-lo, eles deram mais um passo à frente para que a Teosofia permaneça disponível intacta durante o atual ciclo messiânico de 2160 anos, para todos os que estão buscando seriamente a verdade. Todos os elogios e sinceros parabéns por essa conquista. Desejo a todos muita inspiração ao estudar este livro em conjunto com *A Doutrina Secreta*.

Livros listados

- HP. Blavatsky, *A Doutrina Secreta: The Síntese of Science, Religião, and Filosofia*, 2 vols., [A Doutrina Secreta: The Síntese of Science, Religião, e Filosofia], 2 vols., The Theosophical Publishing Company, Londres, 1888. The Theosophical Publishing Company, Londres, 1888; reimpressão fac-símile da edição original de 1888, Theosophical University Press, Pasadena, 1999 e The Theosophy Company, Los Angeles, 2004.
The Theosophical Publishing Company, Londres, 1888. The Theosophical Publishing Company, Londres, 1888; reimpressão fac-símile da edição original de 1888, Theosophical University Press, Pasadena, 1999 e The Theosophy Company, Los Angeles, 2004.
 - *As Cartas dos Mahatmas para A.P. Sinnett*, Editora Teosófica, Brasília-DF
 - G. de Purucker, *Fundamentals of the Esoteric Philosophy*. Theosophical University Press, Covina, 2nd printing (of 1932 edition) 1947.
Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/fundamentals-of-the-esoteric-philosophy/>.
 - G.de Purucker, *Fundamentos da Filosofia Esotérica*, Projeto Pioneiros, Editora Teosófica, Brasil e Blavatskyhouse, Haia Holanda, 2013. <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/>
-

Curso Sabedoria Universal

Este ano, se houver interesse suficiente, o curso Sabedoria Universal será ministrado on-line novamente. O curso se baseia no núcleo de sabedoria que fundamenta todas as grandes religiões e filosofias. Essa sabedoria universal é conhecida por vários nomes, como Filosofia Esotérica, Teo-sofia. O núcleo da sabedoria universal nos ensina que a unidade e a compaixão são os fundamentos da vida. Se algo está claro, é que esses são os elos que faltam e que o mundo atual precisa desesperadamente. Ao aplicar a sabedoria deste curso, você ajudará a preencher essa lacuna.

As lições

1. Unity
2. Realidade e ilusão
3. Sete aspectos do pensamento
4. 'Homem, conhece-te a ti mesmo
5. Pesquisa interina
6. Pensamentos e enobrecimento de seu caráter
7. Ciclicidade e karma
8. Hierarquias de consciência e processo de emanção
9. Autorrealização e evolução progressiva
10. Construindo uma imagem de um ideal
11. Dois caminhos, uma escolha baseada em princípios
12. Conhecendo o eu
13. Pensamento revelado
14. Sociedade Teosófica - Point Loma

O curso é realizado on-line via Zoom.

Para datas exatas, horários e outras informações, e para se inscrever no curso de Sabedoria Universal escreva um e-mail para info@blavatskyhouse.org.



O perigo de ser contra

Como podemos nos apegar ao nosso ideal?

Se a busca de um ideal significar se opor a outras pessoas de quem você supõe que estejam atrapalhando o ideal, ele nunca será realizado.

Pensamentos-chave

» Os ideais nunca são construídos por meio de imagens de pensamentos negativos. Eles não são realizados se você se concentrar no que *não* quer e naqueles de que você acha que atrapalham seu ideal.

» Os pensamentos ficam mais fortes quanto mais atenção você dá a eles.

» Lutar contra algo é contraproducente.

» A destruição forçada de estruturas antigas desencadeia forças destrutivas nos seres humanos, o que nunca pode levar a uma sociedade harmoniosa.

Por que tantos movimentos ou indivíduos idealistas não conseguem se manter fiéis ao seu ideal? Vemos isso fortemente nos políticos que, quando estão no poder, parecem ter ideias diferentes das que tinham quando tentavam chegar ao poder.

Nas revoluções, essa tendência surge de fato com muita força. Em poucos meses, a Revolução Francesa, cujo lema era Liberdade, Igualdade e Fraternidade, terminou em um banho de sangue que não havia nada de fraterno. Até mesmo os líderes iniciais da revolução acabaram sob a guilhotina. Outras revoluções não se saíram muito melhor. Por que elas não conseguiram manter o ideal?

A luta contra o outro

Perguntas complexas geralmente não têm respostas unânimes. Portanto, você também pode analisar essa questão de diferentes ângulos. Você pode perguntar até que ponto um ideal é realmente um ideal. Será que ele é apenas um disfarce com o qual você tenta obter prestígio e poder?

Mas talvez haja um motivo ainda mais importante. O fato de que os ideais são frequentemente alimentados pela negatividade, obscurecendo-os e, por fim, desaparecendo completamente.

Com isso, quero dizer que, para muitos, é mais fácil lutar *contra* algo do que *a favor de* algo. Em sua mente, então, a injustiça, o governo desprezado, o presidente corrupto *ocupam* um lugar maior do que o ideal formulado positivamente. E em vez de lutar *por* seu ideal, você luta *contra* o governo ou *contra* o presidente.

Não vemos isso com muita frequência na sociedade, mesmo entre pessoas que, por si só, têm em mente os melhores interesses do mundo? Os ativistas, por exemplo, são *contra* as emissões de CO₂ ou nitrogênio e lutam *contra* as instituições que causam essas emissões. Há ações *contra* a guerra na Ucrânia, *contra* a ocupação de Gaza, *contra* a admissão de refugiados.

A aversão a um grupo ou pessoa pode até ser tão grande que você ignora seu próprio ideal por temer que, ao fazê-lo, esteja fazendo o jogo do 'inimigo'. Um exemplo cínico disso é quando o Parlamento Europeu enfraqueceu fortemente o *Greenddeal* – a política para garantir a recuperação da natureza – por medo de que, caso contrário, nas próximas eleições europeias, as pessoas votariam em partidos radicais de direita. Esses partidos de direita haviam

anunciado em alto e bom som sua oposição ao *Greendead*. Assim, os políticos abandonaram seu próprio ideal porque são *contra* esses políticos de direita que são *contra* o *Green-dead*. Por que, pode-se perguntar, eles não colocaram sua energia em atividades para deixar claro que esse *Greendead* é necessário e é melhor para todos.

Pensamentos

Se você sabe o que são pensamentos, entende que lutar contra algo é contraproducente. Lutar contra algo, mesmo com sugestões alternativas positivas, é uma forma negativa de pensar. A razão para isso é que pensamentos são coisas reais e existentes. Eles são tão reais quanto pessoas, animais ou plantas. A Theosophia ensina que tudo o que existe é um ser vivo, inclusive os pensamentos. Eles nascem, crescem quando nutridos, têm sua própria natureza e também morrem.

Os pensamentos são seres que ainda não estão muito desenvolvidos. Eles não têm autoconsciência e, assim como os átomos - que também estão vivos -, seguem automaticamente as leis da natureza. E nós, humanos, constituímos as leis da natureza para eles. Ou seja, nosso padrão habitual determina quais seres de pensamento repelimos ou atraímos e fazemos crescer.

Os pensamentos são seres que constantemente envia e recebe pensamentos. Os pensamentos que pensamos - e, portanto, transmitimos - dependem de nosso caráter. Onde concentramos nossa 'antena'? Em pensamentos cheios de idealismo altruísta? Ou em pensamentos de ressentimento e ódio porque somos contra algo ou alguém? Nossa atenção é como alimento para os pensamentos. Portanto, quanto mais nos opomos a algo ou a alguém, esse tipo de pensamento se torna mais forte. Eventualmente, um exército de pensamentos de diferentes orientações ficará em torno de um determinado assunto.

Agora, os pensamentos, como qualquer ser vivo, estão sujeitos à ciclicidade. Ou seja, períodos de atividade, 'estar presente', alternam-se com períodos de passividade ou descanso. Os próprios seres humanos determinam essa ciclicidade. Por exemplo, muitos de nós terão um determinado tipo de pensamento na primavera ou com Natal, que retornará na primavera ou Natal seguinte.

Essa ciclicidade significa que não é fácil se livrar de um pensamento porque ele tem a tendência kármica de retornar à pessoa que o pensou. Portanto, devemos parar de alimentar pensamentos que não queremos mais pensar. Devemos fazer isso com persistência, pois nossa atenção, nosso foco nos pensamentos, é o alimento deles.

A melhor maneira de não alimentar um pensamento - ou um determinado tipo de pensamento - é pensar em pensamentos de característica oposta. Porque seu foco de pensamento determina os pensamentos que você pensa. Portanto, não pense no que você *não* quer, mas no que você quer!

Tornar seu inimigo mais forte

Quando você luta contra algo ou alguém, você torna seu oponente mais forte, porque você alimenta contra o que você está lutando, ou a pessoa contra que luta, com seus pensamentos. Sem querer ou perceber, você torna os pensamentos do que você *não quer* cada vez mais poderosos.

A consequência não é apenas que você se torna cada vez mais negativo, mas também que você abre a porta para o mundo de pensamentos do seu oponente, por assim dizer. Afinal de contas, você está transmitindo pensamentos, criando uma atmosfera mental pela qual os outros podem ser influenciados mais facilmente, e você também está atraindo essa influência para si mesmo. Além disso, você torna o mundo de pensamentos de seu oponente mais forte.

Os artistas conhecem esse fenômeno. Muitos dizem que não se importam se uma resenha no jornal é positiva ou negativa. O mal é quando não se escreve nada sobre eles. Porque mesmo as críticas negativas atraem pessoas aos teatros. Algo semelhante foi observado nas escolas, onde o perigo das drogas era muito enfatizado. Em alguns casos, isso de fato incentivava os jovens a usar drogas.

Algo semelhante ocorreu com uma moça que começou a pensar seriamente sobre a reencarnação porque, em seu ambiente religioso, a ideia de que a doutrina da reencarnação vinha do diabo e atrapalhava a verdadeira fé era constantemente martelada. Essa atenção negativa acabou levando-a a aceitar a reencarnação como verdade.

Ser do contra faz com que você fique cego

Há outro motivo importante pelo qual *ser contra* pode ser perigoso: o deixa cego. Você se concentra tanto no 'inimigo' que, em algum momento, não sabe mais para que serve. Você se tornou a personificação das ideias negativas que o cercam. O pensamento consciente sofre um golpe e, nos piores casos, fica completamente incapacitado. Você fica preocupado com emoções e pensamentos negativos, o que leva a um grave estreitamento de sua consciência.

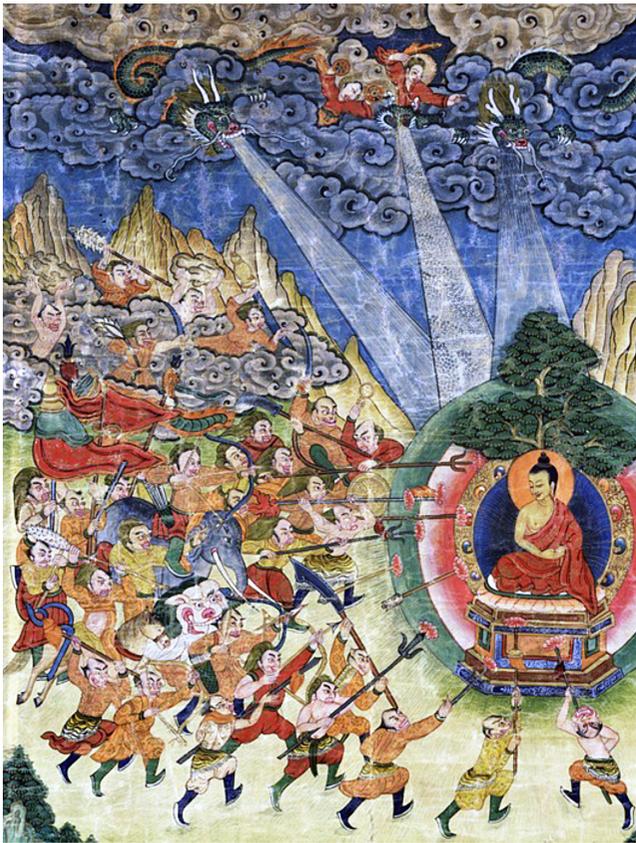
Um exemplo claro disso são os manifestantes anti-corona. Eles têm uma aversão tão grande à política do governo que se esqueceram do que realmente queriam. Sua desconfiância em relação às autoridades domina a tal ponto que eles

necessariamente se opõem ao que as autoridades defendem, mesmo que isso vá contra toda a lógica. Uma ilustração extrema disso é sua súbita simpatia pela Rússia. Sua aversão ao governo eclipsa o bom senso e, como os países ocidentais consideram a Rússia um inimigo, eles consideram a Rússia uma amiga, mesmo que ela tenha desencadeado uma guerra brutal e violado todos os direitos humanos internamente.

Homem de verdade

Você pode evitar essa espiral negativa se perceber que nunca poderá ser contra o verdadeiro Homem. Todo ser humano é a expressão de uma consciência essencialmente ilimitada. A essência de um ser humano não difere da de outro. São as personalidades que se opõem umas às outras. E ao se opor a uma personalidade, você apenas a torna mais forte e provoca uma reação contrária.

Observação: você não precisa concordar com as ideias de outra pessoa. Essas ideias podem ser absolutamente desprezíveis. Alguém pode ser a favor da escravidão ou poluir deliberadamente o meio ambiente porque isso o beneficia. Mas as ideias abjetas são ‘combatidas’ por ideias melhores e não por insultos à pessoa que as proclama.



Tentação de Siddhārtha pelas forças malignas de Māra. Siddhārtha não luta, mas se concentra em seu ideal; ele está acima de tudo.

O ideal como uma dieta

Toda pessoa que reflete calmamente sobre si mesma será capaz de perceber em si um ideal impessoal, porque todos são essencialmente seres divinos. Embora os ideais possam diferir uns dos outros em detalhes, muitas características serão as mesmas. Em nosso mundo ideal sempre há harmonia, as pessoas tratam umas às outras com bondade e compaixão. Há paz e justiça. Tudo mundo pode ver claramente a beleza e a retidão dessa imagem mental.

No entanto, se alguém tiver o desejo de realizar esse ideal, ele pode ser colocado de lado na dura realidade da vida cotidiana. Sua atenção é atraída por pessoas e circunstâncias que impedem a realização desse ideal. Ele concentra sua atenção – negativa – no gerente, nos políticos, nos grandes proprietários de terras, nos proprietários de imóveis, nos promotores imobiliários ou nos capitalistas. Começa a lutar contra eles e suas ideias, esquecendo-se de seu próprio ideal impessoal.

A conscientização de um ideal e o desejo de viver de acordo com ele podem, às vezes, ser como uma dieta que você decide seguir. Ela funciona nos primeiros dias, mas depois, quando são oferecidos bolos no trabalho, você se esquece de suas resoluções.

Se levarmos a comparação com uma dieta mais adiante, você poderá ver como o comportamento humano é estranho quando alguém tenta alcançar seu ideal lutando contra outra coisa. No caso dos bolos no trabalho, você teria que lutar contra seus colegas que gostam de comer quando fazem aniversário, ou contra os padeiros que fazem bolos. Não é muito mais eficiente se você se mantiver fiel à sua dieta?

Processo cíclico

Agora, a aquisição de novos padrões de hábitos leva tempo. Se seu corpo se acostumou a uma determinada quantidade e tipo de alimento durante um bom número de anos, os átomos que compõem seu corpo serão naturalmente atraídos por você novamente. É como um pedaço de barbante enrolado que, quando você o desenrola, tende a se enrolar novamente. Além disso, todas as suas ações – inclusive seus padrões alimentares – são baseadas em pensamentos. E, como qualquer ser vivo, eles voltam para nós ciclicamente.

É preciso tempo e perseverança para mudar hábitos. Uma resolução vaga de comer menos trará pouco sucesso. Isso ocorre porque toda resolução traz em si o perigo de não ser cumprida, mesmo que, no fundo, você saiba que deveria. É como uma vaga declaração de intenção que você pode

esquecer facilmente. É por isso que a estrada para o inferno é pavimentada com boas intenções.

A verdadeira mudança sempre começa no pensamento. Afinal de contas, os pensamentos são a base dos hábitos. Se você não tiver pensamentos substancialmente diferentes do ponto de vista estrutural, seus hábitos arraigados surgirão constantemente como ervas daninhas em um jardim de flores, justamente quando você tentar combatê-los. Se, por outro lado, o ideal realmente vive em você e colore todos os seus pensamentos, então você não se comprometerá com os desejos e as vontades de sua personalidade. Então você toma uma *decisão*. Você apela para sua força de vontade, a vontade espiritual.

Viver de acordo com um ideal exige atenção constante. Não se pode relaxar. O foco deve permanecer no ideal. Você terá de ser paciente, porque a verdadeira mudança não acontece da noite para o dia. Se você for impaciente, começará a forçar as coisas, e logo surgirá a tendência de implementar a mudança por meios que não são tão bonitos. Então, você começa a concentrar suas forças de pensamento naqueles que, em sua opinião, estão no caminho do ideal. O resultado é que o ideal se degenera e acaba se transformando em seu oposto.

Isso não explica o fenômeno psicológico de que toda revolução come seus próprios filhos? A negatividade não se sobrepõe a todos os pensamentos nobres? Assim como acontece com a dieta que você esquece com tanta facilidade, os pensamentos negativos excluem a imagem mental que você deixou de enfatizar quando estava quieto, olhava para dentro e sabia como ser e como agir?

Especialista por experiência, Henriëtte Roland Holst

Alguém que você certamente pode chamar de especialista por experiência quando se trata de ver um ideal perdido é a poeta, escritora e socialista ativa holandesa Henriëtte Roland Holst (1869-1952). Criada em uma família abastada, ela ficou impressionada com a imensa pobreza dos trabalhadores de sua época. Ela dedicou toda a sua vida a ajudar esses ‘párias da terra’, tanto material quanto espiritualmente. Como delegada do SDAP (Partido Social Democrata dos Trabalhadores), ela se encontrou com políticos proeminentes, como Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo



Henriëtte Roland Holst.

e Leon Trotsky, em conferências internacionais, com os quais conversou em igualdade de condições.

Inicialmente, ela simpatizou com a Revolução Russa de 1917, mas logo ficou evidente que o ideal de um mundo no qual todos compartilhassem da prosperidade e no qual o nível espiritual da população aumentasse estava sendo sacrificado por política de poder cruel. Várias vezes ela descobriu que o partido político do qual era membro não representava mais seu ideal. Por isso, ela se sentiu forçada a sair de um partido várias vezes. Ela achava que a política de poder cruel não levava a um mundo melhor. Na filosofia de Tolstói e, mais tarde, na de Gandhi – sobre os quais escreveu uma biografia – ela encontrou, depois de muita luta interior, a inspiração para o ideal de um mundo harmonioso, ao qual nunca renunciou. Ela descobriu que são as *forças mansas* – o amor impessoal e a compaixão – que, em última análise, levam à tão desejada mudança.

Embora tenha continuado a usar o termo ‘socialismo’ em toda a sua obra, com ela o termo foi despojado de sua conotação política e assumiu o significado de uma sociedade baseada na Fraternidade Universal, que só pode ser concretizada se os trabalhadores (a humanidade) descobrirem as forças mais nobres dentro de si mesmos.*

Você pode construir desfazendo?

Em um dos seus livros Roland Holst, que amadureceu sua visão por meio de experiências às vezes dolorosas, argumentou que o foco excessivo em quebrar o negativo – *estar contra* o ‘inimigo’ – acaba errando o alvo e cria uma sociedade

* A Sociedade Teosófica de Point Loma (TSPL) é uma organização acima da política. Portanto, nunca interferimos em questões políticas. No entanto, podemos observar que o socialismo da época de Henriëtte Roland Holst tinha uma série de valores fundamentais, que foram expressos com muita clareza por ela e que correspondem aos princípios da TSPL, como a unidade da vida, a interconexão entre todos os seres humanos, a noção de que somos corresponsáveis uns pelos outros e, acima de tudo, a Fraternidade Universal.

tão infeliz e desarmônica quanto aquela contra a qual se estava lutando. Falando sobre os radicais que acham que o socialismo só pode ser construído sobre as ruínas da sociedade burguesa, ela argumenta:

Para aqueles que pensam dessa forma, a principal preocupação é a destruição do que existe. É inevitável que sua orientação apele principalmente para os impulsos negativos de seus adeptos. Ao fazer isso, ela comete um erro psicológico grave e fatal. Afinal de contas, esses impulsos sempre se afirmam em oposição aos sentimentos sociais e, o que está inseparavelmente ligado a isso, perseveram às custas das forças formativas e criativas do homem, bem como dos sentimentos humanos de pertencimento e responsabilidade. Se de fato conseguiu, por meio do desencadeamento de impulsos negativos e antissociais nas massas – ódio, vingança, fúria cega de destruição – derrubar a velha ordem, muito pouco foi alcançado para a construção de uma comunidade socialista.⁽¹⁾

E referindo-se aos conhecimentos da física moderna que mostram que tudo está conectado, ela diz:

Essa percepção da conexão íntima de diferentes fatores fundamentais, cuja união e cooperação constituem o mundo ou o universo, tem consequências muito importantes para nossa concepção de vida e nosso sentimento pela vida. E isso também tem consequências para o socialismo. Pois, a partir do insight mencionado acima, conclui-se que um socialismo que considera a base ‘material’, ou seja, econômica, da sociedade como a *única* realidade social, está atrasado em relação ao desenvolvimento da ciência. Esse socialismo está obsoleto hoje em dia. E também se conclui que um socialismo que se concentra inteiramente nos interesses conflitantes da sociedade é unilateral. Portanto, somente um socialismo repleto de reverência pela vida superior, que se revela em todos os seres humanos, e que faz um apelo constante ao senso humano de pertencimento e ao senso de obrigação mútua; um socialismo que reconheça a corresponsabilidade de cada ser humano pelo bem-estar de toda a humanidade, que vincule o presente aos tempos vindouros, porque, afinal de contas, todos os eventos estão interconectados, porque cada ser humano, cada ação, sim, cada pensamento é um elemento no conjunto infinito de forças que compõem o mundo, – que somente um socialismo assim está em harmonia com a nova direção da vida espiritual, que pode realmente reivindicar o nome de científico e pode dar satisfação duradoura a seus

adeptos, consciente ou inconscientemente. A união de todas as partes do Todo, e de fato a união no sentido muito estrito de dependência funcional geral e recíproca: isso, a ciência atual nos ensina, é a essência do mundo, a lei orgânica de sua criação. Agir no espírito desse entendimento é a melhor garantia de que nossas ações serão frutíferas.⁽²⁾

Viva a vida

Henriette Roland Holst entendeu muito bem que as verdadeiras mudanças em nossa sociedade não ocorrem por meio de um modelo econômico diferente, de líderes diferentes ou de um sistema político diferente, mas pela percepção de que tudo é inseparável. Essa mudança de mentalidade ocorre quando as pessoas partem dos potenciais espirituais e divinos que existem em cada ser humano. Não lute contra o que você acha que está errado. Viva como você sabe, em seu íntimo, como viver. Portanto: desenvolva seu ideal impessoal, pense nele constantemente, enobreça-o e expresse-o em sua própria vida.

A poesia perde sua beleza na tradução. No entanto, tentamos traduzir para o português um dos poemas mais conhecidos de Henriette Roland Holst, na esperança de que nossa tentativa seja julgada com clemência.

*As forças mansas certamente vencerão
No final – estou ouvindo-as sussurrando em mim,
Se calassem, o frio não teria fim
E o clarão tornar-se-ia em escuridão.*

*Poderes que o amor mantém em escravidão
Ele os vencerá no derradeiro fim
A beatitude vem com flores e clarim
E se o coração escutar com atenção*

*Há de se ouvir o brilhante murmúrio
Como pequenas conchas no oceano.
O amor revelará o mistério
E dará sentido à vida estrelada
E à dos bichos e gente na estrada
Para cima. É o saber soberano:
Nada supera a compaixão imaculada.*

Referências

1. Henriëtte Roland Holst-Van der Schalk, *De geestelijke ommekeer en de nieuwe taak van het socialisme*, [A virada espiritual e a nova tarefa do socialismo], Uitgeversmaatschappij N.V., Arnhem, 1931.
2. Idem, pp. 107-8.

Lidar com pacientes psiquiátricos



Pensamentos-chave

- » A linha que separa os pacientes psiquiátricos dos não-psiquiátricos é muito tênue.
- » As causas das doenças mentais não estão tanto no cérebro quanto na consciência humana.
- » A medicação não cura, mas evita que a doença se manifeste.
- » A cura está no desenvolvimento de um padrão diferente de pensamento.
- » A tarefa pesada, mas importante, da equipe de atendimento é ajudar e incentivar o ‘paciente’ a desenvolver um padrão de pensamento diferente.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), as condições de saúde mental estão aumentando em todo o mundo.⁽¹⁾ Psiquiatras, psicólogos e, especialmente, a equipe médica estão enfrentando grandes desafios: como lidar com esse problema? Na verdade, a ajuda que podemos oferecer ao paciente psiquiátrico é a mesma que oferecemos à pessoa ‘saudável’, porque a linha divisória entre os dois é muito tênue.

Este artigo foi elaborado após intensas discussões com alguém que trabalhou em atendimento psiquiátrico por muitos anos.

Os seres humanos são criaturas estranhas. O jovem superinteligente se torna socialmente desorientado, desempregado, vagabundo e, por fim, acaba em uma instituição mental. O ‘burro’ que nunca se deu bem na escola ‘tem sucesso’ na vida e se torna proprietário de uma empresa bem administrada.

Todo ser humano – como se vê repetidamente – é único. Cada pessoa é uma união única de muitas forças de caráter, às vezes latentes, às vezes ativas.

Portanto, os pacientes psiquiátricos certamente não são um grupo tão especial como pode parecer superficialmente. Antes de mais nada, devemos observar que há, obviamente, muitos pacientes diferentes. Todos eles diferem uns dos outros, tanto em seus problemas quanto em sua humanidade. Assim, todos eles têm suas dificuldades e problemas específicos e, portanto, devem ser tratados de forma diferente.

Alguns sofrem apenas temporariamente com sua doença; outros lutam

contra ela durante toda a vida. Exatamente como acontece com os pacientes não psiquiátricos, todos eles também têm suas próprias dificuldades. E assim como esse último grupo pode resolver, ou pelo menos gerenciar, os problemas que enfrenta, os pacientes psiquiátricos também podem, embora precisem de apoio e orientação para isso. Mas eles também podem participar da sociedade e cumprir sua função nela, quer seu problema seja crônico ou não.

No entanto, podemos observar que em pacientes psiquiátricos os problemas são mais difíceis de lidar. Isso não se deve tanto ao fato de eles terem diferentes tipos de dificuldades, mas porque a extensão do problema é muito maior. Neste artigo, queremos explorar as causas desse problema e como ele pode ser tratado.

Ninguém é doido

Se há tantos pacientes psiquiátricos diferentes, obviamente também há muitas causas diferentes para seus males. Portanto, é preciso dizer desde

o início que cada ‘caso’ é único e sempre difere dos outros, em menor ou maior grau. No entanto, podemos mencionar algumas causas gerais.

Acima, afirmamos que o homem é um ser composto, no qual operam diferentes forças, diferentes princípios de consciência. Como os seres humanos expressam a consciência pensante, a mente reflete esses diferentes aspectos. Em outras palavras, é com sua consciência pensante que o homem controla a si mesmo, sua própria natureza composta, ou não.

Os diferentes princípios da consciência precisam trabalhar juntos de forma harmoniosa, e isso acontece quando o homem pensa de forma equilibrada e controlada. Se ele não faz isso, surge um certo grau de desarmonia ou distúrbio mental.

Na maioria dos pacientes psiquiátricos, há desarmonia nos elementos constituintes do pensamento. Geralmente, a emoção predomina. O intelecto está ativo, mas não funciona de forma harmoniosa com os outros aspectos do pensamento. Às vezes, o intelecto também faz poucas ou nenhuma conexão.

Nesse estágio de evolução, raramente acontece de um ser humano controlar completamente sua mente. Por isso, a maioria das pessoas tem alguma doença mental em um grau mais leve ou mais grave. O escritor brasileiro Guimarães Rosa pode, portanto, dizer com razão: “Ninguém é doido. Ou, então, todos”.⁽²⁾

A única coisa que distingue os pacientes psiquiátricos dos não-psiquiátricos é que sua doença causa sérios problemas para eles e para os outros. Portanto, eles precisam de uma certa quantidade de ajuda especializada para funcionar, embora, novamente, isso precise ser diferenciado. Por mais diferente que seja nossa situação em relação aos outros, todos nós precisamos do apoio de outras pessoas para viver nesta sociedade, nem que seja para ganhar a vida. Todos existem e vivem graças ao todo do qual fazem parte.

Causas

No mundo científico, que ainda é amplamente baseado em teorias materialistas, a causa da doença mental é naturalmente procurada no corpo. Inicialmente, também se pensava que a educação poderia ser uma causa, mas essa ideia foi completamente abandonada.

Em alguns casos, como em pessoas com transtorno bipolar ou maníaco-depressivo, pode-se de fato prever também a condição física do paciente. Isso é feito com base nos níveis de lítio. O lítio é uma substância encontrada em todo o corpo, inclusive no cérebro. Diz-se que essa substância,

que pode ser medida por exames de sangue, está diretamente relacionada à depressão maníaca. Outras doenças mentais também são atribuídas a determinados hormônios ou outras substâncias que estão presentes em quantidades muito grandes ou muito pequenas no cérebro.

A Teosofia, entretanto, usa um ponto de partida diferente: a consciência. Esta última é a base da matéria, ou seja, do corpo. Ao fazer isso, presumimos que a matéria também é vida. Portanto, certas mudanças corporais podem ser acompanhadas por estados mentais, mas esses fenômenos corporais nunca são a causa, são o efeito.

A Teosofia é muito clara em seus ensinamentos. Tudo o que acontece a um ser humano, tudo o que uma pessoa é, pode ser rastreado até o próprio homem, até a consciência humana. O homem é sua própria causa e efeito. Ele criou a si mesmo. Portanto, ele não é uma página em branco quando nasce. Ele já viveu muitas vezes e, nessas vidas passadas, realizou ações, teve pensamentos, semeando assim causas que levarão a consequências nesta e em vidas futuras. Um ser humano não nasce ‘por acaso’ em uma situação, país e família específicos. São suas causas autocriadas que o levaram até lá. Se uma pessoa ‘repentinamente’ desenvolve problemas mentais aos vinte anos de idade e é diagnosticada com esquizofrenia, a causa dessa doença já estava bloqueada em sua consciência. Ele já havia criado as causas para isso em vidas anteriores.

A causa é sempre você mesmo. Isso é igualmente verdadeiro quando há desajuste social ou ostracismo social. É claro que esse último ocorre e é claro que a sociedade muitas vezes é hipócrita e injusta quando impõe exigências às pessoas sobre como se comportar. No entanto, mesmo nesses casos, a causa mais profunda pode ser novamente atribuída ao próprio ser humano. Se, por exemplo, alguém é demitido por um empregador após muitos anos de serviço leal, não encontra um novo emprego e, como resultado, desenvolve problemas psicológicos, então o terreno fértil para esses problemas já estava presente nele mesmo. Ele mesmo o criou, talvez porque sempre tenha alimentado o pensamento de que seria poupado de tais coisas. Outra pessoa na mesma situação não teria nenhum problema.

No entanto, não se deve esquecer que, na verdade, toda a sociedade contribuiu para o problema, porque todos nós criamos uma sociedade que trata os trabalhadores de maneira tão insensível. A lei de causa e efeito só pode existir pela graça de um todo maior. Portanto, todos nós contribuimos, em maior ou menor grau, para o bem-estar espiritual dos outros. Não estamos separados uns dos outros e somos responsáveis uns pelos outros. Por isso, devemos

nos esforçar ao máximo para não criar condições que causem problemas às pessoas.

Mas isso não impede que cada indivíduo crie seu próprio caráter, com poucos ou muitos problemas mentais. Talvez esse ponto de vista pareça duro. Você não pode mais ‘culpar’ seus pais, a educação, a sociedade. Afinal de contas, a causa foi semeada por você mesmo. No entanto, em nossa opinião, essa posição fornece uma base extremamente sólida para a eliminação do problema: nós mesmos o causamos, portanto, devemos resolvê-lo nós mesmos. Nisso, também, o paciente psiquiátrico não é diferente de outro cidadão, pois quem não tem problemas? E, no final, todos nós teremos que resolvê-los nós mesmos.

Medicamentos

Quando falamos de *pacientes* psiquiátricos, fazemos isso porque esse é o termo comum. Mas nos perguntamos se é possível pegá-los com esse nome. ‘Paciente’ sugere uma doença e uma possível cura. Mas não há nenhum processo de cura para os pacientes psiquiátricos, pelo menos não no sentido clássico da palavra. Não há nenhum medicamento que cure a doença deles.

Do ponto de vista teosófico, isso faz sentido. Como foi dito acima, nenhuma doença, nem mesmo uma doença psíquica, jamais tem como causa um defeito físico, um defeito cerebral. Não, a causa está na consciência, no próprio *homem*, não em seu corpo. E se os medicamentos atuam apenas no corpo, eles nunca poderão resolver a doença. Isso não significa, de forma alguma, que o ‘paciente’ esteja condenado a viver para sempre com sua doença. Pelo contrário. A consciência contém tudo o que existe na imensidão. Todas as forças estão presentes. Todo ser humano possui todas as possibilidades de pensamento e vida harmoniosos dentro de si. Portanto, as pessoas com problemas mentais podem aprender, assim como as outras, a superar sua deficiência. Entretanto, elas não podem fazer isso ingerindo medicamentos.

Isso não quer dizer, a propósito, que a medicação não seja usada. Muitos medicamentos são prescritos pelos médicos. Mas todas essas pílulas não têm como objetivo curar a ‘pessoa doente’, mas sim limitar a *manifestação* da ‘doença’, de modo que o ‘paciente’ não sofra ou sofra menos. Em outras palavras, a droga tem uma certa influência sobre o cérebro que impede ou expressa parcialmente o desconforto mental. De fato, a atividade do cérebro é paralisada de alguma forma. Como resultado, certos sentimentos ou pensamentos não podem se expressar. A propósito, o oposto também acontece: a medicação permite que determinados

sentimentos ou pensamentos, que antes eram suprimidos ou ignorados, se expressem. Muitas vezes, isso acontece em um fluxo descontrolado de emoções. Os próprios médicos muitas vezes nem sabem exatamente o que está acontecendo no cérebro. Eles podem apenas observar os efeitos.

Obviamente, erros são cometidos durante o processo. Muitas vezes, se a doença se tornar incontrolável para o paciente, ficamos tentados a prescrever uma dose maior. É sempre ‘mais do mesmo’. Se 1 mg não funciona, então tentamos 5 mg. Mas, em alguns casos, 1 mg pode não funcionar, porque essa dose é muito alta.

Mesmo dentro do próprio mundo psiquiátrico, os medicamentos são vistos de forma crítica. Podemos concordar totalmente com isso. Não afirmamos que os medicamentos nunca devam ser usados. Um paciente pode estar tão confuso e, portanto, tão agressivo, que a medicação precisa ser usada. Mas o objetivo deve ser limitar a medicação ao máximo e ensinar os pacientes a lidar com sua doença por outros meios.

Antes de nos aprofundarmos nesses outros caminhos, vamos primeiro considerar alguns ensinamentos teosóficos que fornecem uma forte base de evidências de que esses métodos têm seu efeito.

Reforma de caráter

A Teosofia ensina que nada na natureza permanece parado. Tudo muda, tudo se move. Portanto, o que chamamos de caráter não é algo estático, algo que permanece o mesmo perpetuamente. Esse fato, que vemos confirmado em toda a natureza, constitui a grande esperança para todos aqueles que têm problemas psicológicos, todos aqueles que sabem que seu caráter não é perfeito. E quem tem um caráter perfeito?

O caráter humano é, na verdade, o padrão de hábitos acumulados em diferentes vidas. Cada hábito é a soma total das ações que a pessoa realiza. E subjacente a cada ação está um pensamento. Em outras palavras, é o pensamento que determina quem somos. É por meio de nossos pensamentos - que são ‘coisas’ existentes, energias reais e vivas - que podemos mudar a nós mesmos.

Os pensamentos agora tendem a retornar ciclicamente à pessoa que os pensou. Assim como toda a vida se manifesta ciclicamente, os pensamentos também ‘nascem’ repetidamente em uma pessoa. É exatamente por isso que uma pessoa pode estar, por exemplo, patologicamente deprimida. Afinal de contas, os pensamentos de depressão continuam voltando, às vezes a tal ponto que dominam todos os outros pensamentos. Assim como as ervas daninhas

sufocam as outras plantas em um jardim, certos pensamentos podem tomar posse da consciência e fazer com que outros pensamentos morram. Assim como um filhote de cuco expulsa os outros pássaros do ninho para ficar com toda a comida para si, um pensamento depressivo avassalador expulsa todos os outros pensamentos.

Da mesma forma, alguns sofrem de tendências suicidas. Esses pensamentos também se repetem ciclicamente. Isso significa que quando um paciente suicida está de 'bom humor', ele não está inclinado a cometer suicídio. Mas, a qualquer momento, esses pensamentos suicidas podem retornar com toda a intensidade.

Muitas vezes observamos o mesmo padrão em pessoas que sofrem de psicose. Certos pensamentos e ações se repetem em uma regularidade fixa. Conhecemos um caso em que o paciente sempre queria comer grama no final de sua psicose. Quando essa tendência surgia nele, as enfermeiras já sabiam que o ataque estava chegando ao fim.

No caso de alguém com transtorno maníaco-depressivo, vemos que os dois humores opostos – o maníaco, ou alegria doentia, e a depressão – se alternam ciclicamente. Portanto, o termo profissional para essa doença é transtorno bipolar. Os pensamentos 'animados' nascem, enquanto os depressivos morrem. O humor de alegria mórbida morre após um certo período, e os depressivos renascem. A propósito, esse transtorno raramente ocorre de forma contínua. Há também 'períodos de descanso'. Em outras palavras, essa doença também se manifesta de forma cíclica. Nessa 'lei da periodicidade', a recorrência cíclica dos pensamentos, também está a solução para qualquer doença mental. No mesmo momento em que surge um pensamento de depressão, um pensamento alucinatorio ou qualquer outro pensamento 'psíquico-problemático', é preciso pensar em outro pensamento. Isso não será fácil. Mas pode ser feito. Por exemplo, se a pessoa estiver muito deprimida, talvez não consiga pensar em um pensamento relacionado à própria felicidade. Mas então pense em um pensamento relacionado a outra pessoa. Seja feliz pelo bem de outra pessoa. Tente, por menor que seja, pensar em um pensamento de característica completamente diferente.

Isso tem um efeito duplo. O primeiro é que o pensamento problemático é privado, por assim dizer, de parte de sua energia e, portanto, torna-se menos poderoso. Mas, ao mesmo tempo, um pensamento de característica oposta é criado, ou melhor, percebido. É claro que um único esforço não resolverá a doença psíquica. Mas a lei da periodicidade é universal e sempre se aplica. Em outras palavras, se os pensamentos compulsivos e depressivos retornarem

novamente – e eles certamente retornam – então, 'preso' a eles está aquele pensamento de caráter totalmente diferente. É nesse pensamento que devemos nos concentrar, tanto quanto formos capazes. Se aplicarmos isso de forma consistente, em algum momento os pensamentos dos quais queremos nos livrar darão lugar a novos pensamentos.

O problema com muitos pacientes psiquiátricos, no entanto, é que eles estão tão afundados no poço que mal conseguem ter outros pensamentos. O trabalho do enfermeiro é fornecer esses pensamentos ou, melhor ainda, deixar que o próprio paciente os desenvolva.

Estar preparado para o paciente

Muitos trabalhadores do setor psiquiátrico são idealistas de raça pura. Você não precisa trabalhar lá pelo dinheiro. Em muitos países, um enfermeiro recebe um salário muito abaixo do de outras pessoas com treinamento equivalente. Sem mencionar o trabalho extremamente exigente do ponto de vista físico e psicológico e os turnos irregulares. Os pacientes psiquiátricos, sem dúvida, percebem a atitude altruísta de um enfermeiro. Muitas vezes, isso pode ser um incentivo para que eles superem suas limitações. Mas a equipe de enfermagem pode fazer mais. Como eles podem ajudar o próximo? Vamos mencionar alguns pontos de interesse.

Como já observamos, a linha divisória entre a 'pessoa normal' e o paciente psiquiátrico é tênue. Em muitos casos, o paciente psiquiátrico pode participar da sociedade de maneira normal. No entanto, como sua natureza emocional às vezes 'se sobressai' demais, porque são mais sensíveis a todos os tipos de fenômenos, às vezes podem se sentir excluídos e acabar sendo institucionalizados. Nossa sociedade é severa. Se não atendermos aos requisitos exatos, seremos expulsos. Muitos pacientes psiquiátricos se sentem no ostracismo. Eles foram demitidos e não conseguem encontrar um novo emprego. Às vezes, são abandonados pelo parceiro, pela família. Eles não têm amigos. São solitários, têm pouco ou nenhum contato com outras pessoas. Algumas vezes sofreram abusos. Pensam constantemente que ninguém as quer, que não têm utilidade e assim por diante.

Uma das tarefas dos cuidadores psiquiátricos é mostrar que há pessoas que se importam com eles. Eles precisam se sentir seguros. O exemplo dado por uma pessoa que, sem atender a seus próprios interesses, faz algo por outra, contagia a todos. Assim, certamente, também sobre a natureza sensível de um paciente psiquiátrico. Se alguém se dedicar de forma altruísta, isso causará maravilhamento, e os

primeiros pensamentos de outra característica se infiltrarão na consciência do paciente.

Os enfermeiros precisam ganhar a confiança dessas pessoas que estão sofrendo. Eles devem pegar sinais que geralmente passam despercebidos em um mundo apressado. Muitas vezes, o paciente implora por atenção. Ele quer ter certeza de que ‘pertence’ a algo, que faz parte de algo. Por exemplo, quando um paciente pede um ‘cigarro’ a uma enfermeira, por trás desse desejo de fumar geralmente há uma pergunta muito mais concreta: você gosta de mim o suficiente para me dar um cigarro? Uma recusa direta em um caso como esse pode levar o paciente ainda mais ao isolamento. É claro que isso não significa que seus desejos devam ser sempre atendidos, mas significa que é preciso tentar criar e desenvolver o sentimento de que ele é querido.

Pessoas com problemas de saúde mental geralmente sofrem excessivamente. Esse sofrimento às vezes é agravado pelo fato de que o mundo externo não o reconhece. Portanto, os enfermeiros devem sempre tentar ter empatia com a situação miserável do paciente, mas sem se conectar a ele emocionalmente. Sua atitude deve irradiar algo como: ‘Vejo que você está na fossa’. Então, eles reconhecem o sofrimento de seu semelhante. Isso é muito melhor do que dizer: ‘Vamos lá, rapaz, vamos fazer algo a respeito!’ Porque o paciente pode ter a impressão de que sua dor está sendo banalizada.

A maneira como você se comunica é realmente muito importante. Ela deve ter o objetivo de conquistar cada vez mais a confiança do paciente. Muito depende da criatividade e da intuição do enfermeiro. Por exemplo, se um paciente perguntar se o enfermeiro gostaria de tomar um café com ele, é claro que ele pode recusar, citando a quantidade de trabalho. Ele também pode tratar essa solicitação com: ‘Sim, eu realmente gostaria. Infelizmente, tenho trabalho a fazer no momento. Mas sabe de uma coisa, vamos marcar um horário’. E então, é claro, esse compromisso deve ser cumprido. Os enfermeiros devem estar sempre presentes quando os pacientes precisarem deles. Eles devem estar na enfermaria, se possível, e não no escritório.

Portanto, os enfermeiros, por meio de seu exemplo, fornecem diferentes tipos de pensamentos ao paciente, que pode assim, lentamente, começar a mostrar os primeiros sinais de cura.

Isso inclui ensiná-lo como está sendo natural e agradável fazer algo pelos outros. Portanto, deixe que as pessoas façam algo em troca, mesmo que seja apenas servir uma xícara de café.

Independência com a qual se pode lidar

Lidar com pacientes psiquiátricos pode, de certa forma, ser comparado a criar filhos. É claro que essa comparação não deve levar à infantilização do paciente. O que queremos dizer com isso é que, em vez de tentar colocar conhecimentos e habilidades ‘de fora’ no paciente, você deve ajudar a desenvolver os talentos e habilidades inerentes que já existem nele. Nesse sentido, poderíamos também comparar bem os pacientes psiquiátricos com os estudantes de Teosofia.

Todo ser humano possui a capacidade de resolver os problemas que ele mesmo causou, de acordo com a lei de causa e efeito. Portanto, os cuidados também devem incentivar os pacientes, tanto quanto possível, a inventar soluções independentes para seus problemas. Afinal de contas, isso deve fazer com que o paciente ‘procure’ outros pensamentos além daqueles que o levaram à situação de miséria.

Mesmo que se tenha em mente os melhores interesses do paciente, não faz sentido forçá-lo a participar de determinadas terapias ou atividades. É preciso ter paciência para esperar até que o próprio paciente esteja pronto. O paciente deve perceber a ideia de que essas atividades contribuem para sua cura. É claro que o estímulo é permitido e as ideias podem ser sugeridas – nada melhor do que isso – mas nunca se pode decidir por outra pessoa.

Por exemplo, em muitas instituições há terapias, nas quais as pessoas podem aprender certas habilidades, sim, até mesmo aprender uma profissão. Da mesma forma, há certas atividades que ocorrem dentro e fora da instituição. Mas é contraproducente fazer com que as pessoas participem delas por meio de coerção leve ou pesada. Porque se você fizer isso, elas não começarão a ter novos pensamentos, mas reforçarão os antigos. De fato, elas ficarão mais apegadas a esses pensamentos antigos, que, embora as tenham levado à miséria, pelo menos elas escolheram para si mesmas.

Outro exemplo. Os pacientes que aprenderam a viver de forma autônoma até certo ponto têm permissão para viver de forma independente. Ou seja, eles poderão, sob supervisão mínima, administrar uma casa de forma independente, em seu próprio lar. Mas as pessoas que se qualificam para isso devem se candidatar de forma independente e por vontade própria. Afinal, elas próprias estão na melhor posição para avaliar se já podem lidar com essa liberdade. Entretanto, aqueles que sabem que ainda não podem fazer isso podem ser capazes de cozinhar para si mesmos. Então, incentive-os a fazer isso.

Ao fazer isso, é preciso dar pequenos passos. Algumas pessoas estão tão confusas consigo mesmas que não têm energia para fazer nada. Se permanecerem passivas, elas se aprofundam cada vez mais em sua depressão. Afinal de contas, os pensamentos vivos, que retornam ciclicamente, invadem cada vez mais a consciência. Por isso, a enfermeira deve tentar fazer alguma coisa, mesmo que seja pequena. Se alguém ficar deitado na cama o dia todo e não tiver energia nem para escovar os dentes, vá até a pia com ele.

Ao lidar uns com os outros, os pacientes também precisam aprender a resolver seus próprios problemas. Em um ambiente em que lidam muito uns com os outros e têm pouco dinheiro, podem surgir facilmente atritos. Os enfermeiros, em vez de atuarem como árbitros nessa situação, podem ser mediadores. Seu conselho deve ser: comecem a conversar entre si e tentem chegar a um acordo.

Assim como na sociedade, muita irritação surge de pequenas trivialidades. Um paciente toca música alta em seu quarto, enquanto outro quer descansar. Muitas vezes, acordos mútuos podem resolver a dificuldade. Mas soluções práticas, como fones de ouvido e protetores auriculares, também podem evitar muitos inconvenientes.

Essas soluções práticas, por sinal, têm muito poder. Se um paciente conhece bem a natureza de sua deficiência, ele pode, com alguma criatividade, lidar com ela de tal forma que uma vida social certamente esteja entre as possibilidades.

Veja o caso de um paciente esquizofrênico. Essa pessoa não tem o filtro pelo qual pode apreciar todos os estímulos provenientes do mundo exterior. Quatro horas de interação com as pessoas é um limite para ele. Bem, se ele sabe disso, pode, por

exemplo, passar metade do dia entre as pessoas. No restante do dia, ele se ocupa sozinho. Por meio de um emprego de meio período, ele pode se sustentar. E se o ambiente estiver ciente de sua doença, as condições podem ser criadas com ajustes mínimos, permitindo que ele tenha uma vida significativa.

Agressividade

Um problema crescente nas instituições psiquiátricas é a agressividade. Isso não se deve tanto ao fato de o paciente médio estar se tornando mais agressivo, mas porque em muitos países é fácil cortar os cuidados com a saúde. Uma civilização é caracterizada pela forma como os fracos são tratados. E, muitas vezes, a assistência médica recebe tão pouco financiamento que há listas de espera e os pacientes não podem ser admitidos em instalações adequadas.

Há uma tendência de apenas prender os pacientes que são um perigo para a sociedade. Como resultado, a agressão aumenta dentro das instituições.

Obviamente, como enfermeiro, é extremamente difícil lidar com pacientes agressivos, embora muitos cuidadores dificilmente sintam isso como um problema. De qualquer forma, você deve ter o conhecimento profissional necessário.

Há, grosso modo, dois tipos de pacientes agressivos. O primeiro grupo tem problemas comportamentais. As pessoas que pertencem a esse grupo querem se impor a todo custo. Quando seus desejos são frustrados, elas começam a bater. As piores dessas pessoas são os psicopatas que têm uma tendência inata ao crime. Não é preciso dizer que, infelizmente, esse grupo não está confinado a instituições psiquiátricas, às quais não pertencem de forma alguma, embora mereçam nosso apoio. Eles precisam ser corrigidos.

O segundo grupo é formado por pacientes psiquiátricos reais. Por exemplo, eles dizem que ouviram uma voz que lhes dizia para bater em outra pessoa. As pessoas de fora geralmente não estão cientes do imenso sofrimento dessas pessoas. Elas não sentem 'prazer' com sua violência. Isso fica evidente simplesmente pelo fato de que a violência pode muito bem se voltar contra elas mesmas. Infelizmente, a automutilação é um fenômeno bem conhecido. Conhecemos a história de uma jovem que cortava constantemente o próprio corpo porque sabia que, pelo menos um dia, essa dor física iria parar. Já dissemos isso antes: o sofrimento de muitos é indescritível.

Como os enfermeiros devem lidar com esse tipo de condição?

Em primeiro lugar, é preciso dizer que às vezes são necessárias 'medidas de emergência', em parte devido à falta de pessoal. Às vezes, um paciente agressivo precisa ser confinado



em uma cela de isolamento ou, pelo menos, em um espaço no qual ele não possa se machucar. Não é preciso dizer que esse confinamento deve ser o mais curto possível e que, por meio de uma parede de vidro ou de outra forma, o contato com as enfermeiras deve ser possível. Nesse espaço fechado, o paciente pode ouvir música ou talvez ler algo, pelo menos para se acalmar. Em alguns casos, essa calma se instala depois de apenas alguns minutos e o paciente pode sair. Alguns, por sinal, não desejam sair e querem prolongar sua permanência na ala de isolamento.

Às vezes, também, a agressividade é mantida sob controle por meio de medicamentos. Embora não afirmemos que isso seja desaconselhável em todos os casos, acreditamos que deve ser limitado o máximo possível.

Em alguns casos, pode ser melhor dar alta ao ‘paciente’ da instituição. A instituição é para os pacientes, para que eles aprendam a lidar com sua doença. E, como dito acima, isso só pode ser bem-sucedido se o paciente quiser.

Mas a única solução real para o problema da agressão – e aqui novamente o mundo psiquiátrico não é essencialmente diferente da sociedade ‘normal’ – é o triunfo da razão. Os pensamentos de agressão são sempre irracionais. Os pensamentos devem ser eliminados por meio de outros tipos de pensamentos. Portanto, a razão é a única solução duradoura para a violência.

Infelizmente, não há métodos prontos para evocar essa razão, mas é certo que ela germina por meio de conversas e não por meio da coerção, que, afinal de contas, é violenta por si só. Mas, novamente, o pensamento fugaz de paz e razão torna o forte pensamento de violência sem razão pelo menos um pouco menos poderoso. E à medida que alimentamos o pensamento de paz, o pensamento forte e agressivo vai se extinguindo lentamente.

É claro que devemos sempre evitar que a agressão surja dentro de nós mesmos. Os enfermeiros que conseguem fazer isso, apenas com sua atitude, contribuem para a solução ou, pelo menos, para o controle do problema. E se a agressão ameaçar surgir na outra pessoa, devemos tentar contê-la. Deixar alguém sozinho por um tempo. Dê a ele tempo para recobrar o juízo. Se a agressividade tiver começado, na verdade já fracassamos. Mas se esse erro foi cometido, não devemos persistir nele.

Um dos exemplos mais maravilhosos disso foi dado por uma enfermeira que, depois que um paciente lhe deu um tapa, disse calmamente: ‘Eu me recuso a brigar com você, mas gostaria de conversar com você’.

Nem todas as enfermeiras atingiram esse alto nível ético, portanto, essa enfermeira, que era chefe, disse a seus

subordinados que não a imitassem em todos os casos. Mas há uma lição importante que todos podem tirar desse fato: sempre mantenha a calma. Essa calma tem seu efeito sobre a outra pessoa.

Suicídio

Quando você não vê nenhuma saída para a sua terrível situação, o pensamento de suicídio rapidamente se torna mais forte. Muitos pacientes lutam com esse pensamento de tempos em tempos. Por um lado, é claro, isso tem a ver com o grande sofrimento em que eles se encontram; por outro lado, os pensamentos – como observamos acima – são seres reais e vivos, que às vezes podem assumir proporções epidêmicas.

As tentativas de suicídio são muito maiores entre os pacientes psiquiátricos do que entre os demais. Consequentemente, todo enfermeiro em uma instituição psiquiátrica já teve de lidar com comportamento suicida em um momento ou outro. Como deve ser tratado?

Primeiro, qualquer sinal de um paciente de que ele quer cometer suicídio deve ser levado a sério. Ninguém ameaça acabar com sua vida sem motivo.

Além disso, e isso é obviamente muito difícil, é preciso se esforçar para transformar lentamente o pensamento de suicídio em uma forma de dar sentido à vida. Pensamentos de característica oposta devem ser desenvolvidos.

Agora, isso precisa ser extremamente matizado. Comentários como ‘Vamos lá, a vida é boa’ podem ser contraproducentes. É muito melhor incentivar o paciente a encontrar suas próprias soluções. Talvez em uma discussão com perguntas e respostas ele possa recuperar algum sentido do significado da vida. Esses pensamentos devem ser nutridos, e a enfermeira pode fornecê-los repetidas vezes.

Além disso, os enfermeiros podem afirmar de forma muito consistente que, por razões de princípio, são contra qualquer forma de suicídio. É isso que elas defendem. Assim, a norma enfraquecida, entre outras coisas pelas práticas de eutanásia aceitas em alguns países, pode ser deslocada um pouco na direção do respeito à vida.

Obsessões

Muitos pacientes psiquiátricos sofrem de obsessões. Eles têm alucinações, veem criaturas ou ouvem vozes. Às vezes, parece que mais pessoas habitam em uma só pessoa.

Por exemplo, há casos em que um paciente grita muito alto. ‘Prefiro não fazer isso’, diz a enfermeira. ‘Eu não faço’, é a resposta, ‘eles fazem’.

Na ciência materialista, esses fenômenos são descartados

como alucinações ou delírios. A Teosofia reconhece que uma determinada força, uma entidade, pode de fato ‘assaltar’ a consciência de uma pessoa, pois obsessão significa literalmente ‘assalto’. De acordo com a Teosofia, existem mais reinos de consciência do que apenas o mundo material grosseiro que podemos perceber com nossos sentidos. E em um desses outros mundos, que consiste em outro grau de materialidade – o mundo astral – vivem de fato muitos tipos de seres, com características variadas. Não queremos nos aprofundar nesse assunto, pois esse ensinamento é bastante complexo e, portanto, se não for tratado em detalhes, pode facilmente dar origem a mal-entendidos.

Há muitos tipos de obsessões. E, na verdade, pode ser que um ou outro ser esteja tentando exercer sua influência por meio de uma pessoa. O homem obsessivo não controla o mundo astral do qual é influenciado. Isso fica evidente pela vaga indicação das ‘vozes’ que falam com ele ou das ‘figuras’ que ele vê. Às vezes, portanto, o paciente não sabe o que essas vozes estão sussurrando para ele. Tudo isso não altera o fato de que esse ‘outro mundo’ é de fato uma realidade para ele.

A Teosofia ensina que criamos nossa própria realidade. Algo é real se atribuirmos realidade a ele. E como o homem, com sua obsessão, atribui realidade às vozes e figuras do astral, isso é uma realidade *para ele*.

Nesses casos, os enfermeiros podem tentar gerar interesse em nosso mundo. Eles podem tentar, por meio de seu conhecimento profissional e humano, descobrir o que fascina o paciente. O humor geralmente funciona muito bem. Isso traz o paciente de volta a este mundo. Mas, às vezes, a recompensa ou simplesmente o calor humano também ajuda. Se o paciente sentir que é apreciado, respeitado, sim, que a outra pessoa sente afeição por ele, então ele naturalmente sentirá uma atração por este mundo.

‘Acho que seria muito bom se você viesse jantar aqui em casa um dia desses’. O paciente que ouvir esse som e perceber que a intenção é sincera, mesmo que seja apenas para agradecer o enfermeiro, sairá da cama e comerá com ele.

Certamente não é uma tarefa fácil, mas tente reacender o maravilhamento. Mostre que a vida é cheia de mistérios, cheia de reviravoltas inesperadas e divertidas. Às vezes, pequenas coisas podem fazer isso.

Quando, do nada, sem motivo algum, todos os pacientes psiquiátricos foram acordados pela equipe de enfermagem com chá e biscoitos, sentiu-se que o dia reservava segredos. Consequentemente, todos os pacientes se levantaram e aguardaram ansiosamente o dia que estava por vir.

Confiança no Self

A causa subjacente de todos os casos de pacientes psiquiátricos é que, de alguma forma, eles perderam a fé em si mesmos. Eles não percebem que carregam dentro de si tesouros de conhecimento, sabedoria e inspiração. O contato com a consciência superior, o Self (Eu) superior, deve ser restaurado. Por essa mesma razão, a linha divisória entre eles e os outros é muito tênue e, de fato, quase não existe, porque praticamente toda a humanidade sofre desse mal.

Nas palavras de Katherine Tingley:

Para reconstruir a humanidade, precisamos despertar mais fé no Self. O fracasso espiritual ocorre porque ele perdeu a fé em si mesmo. Esse é sempre o passo inicial. Em seguida, vem a perda da fé em seus amigos, depois na humanidade como um todo, e logo ele se vê vivendo em uma casa estranha: a casa da natureza inferior.⁽³⁾

De fato, o processo de cura do paciente psiquiátrico – ou melhor ainda, de todo o mundo doente – consiste em trocar essa ideia de desconfiança em si mesmo por percepção e confiança na Natureza Superior de cada um de nós, que é parte inseparável de toda a Vida Universal. Esse é o grande desafio que enfrentamos, seja qual for o grau de nossa deficiência psicológica. Ou, para concluir com a Sra. Tingley:

Portanto, com toda a minha alma, eu peço a olhar para dentro de si mesmos. Até mesmo para o homem que perdeu a fé na humanidade e em si mesmo, até mesmo para o pessimista que não ousa pensar uma semana à frente com esperança – a esses eu digo: ‘Olhem para as câmaras de sua alma, pois vocês realmente são uma alma. Recupere sua energia e força como ser humano. Reserve um tempo para pensar, não da maneira comum, mas profundamente, e as leis que governam a vida serão reveladas.’⁽⁴⁾

Referências

1. Veja, por exemplo: <https://www.news-medical.net/health/Are-Mental-Health-Issues-increasing.aspx#:~:text=According%20to%20the%20World%20Health,health%20conditions%20are%20increasing%20worldwide>.
2. João Guimarães Rosa, *A Terceira Margem do Rio, Primeiras Estórias*, Livraria José Olympio, Editora, Rio de Janeiro, 1977.
3. Katherine Tingley, *Theosophy: the Path of the Mystic*, [*Teosofia: o caminho do místico*], <https://blavatskyhouse.org/literature/katherine-tingley/theosophy-the-path-of-the-mystic/>, p. 32
4. Idem, p. 38.



Por que é que nós viajamos?

Pensamentos-chave

» O homem é um ser composto, que deve ser representado de acordo com uma divisão tripartite como espírito, alma e corpo.

» A alma humana se expressa por meio da faculdade de pensar; o homem é um pensador.

» As etapas importantes no desenvolvimento do pensamento são tomar consciência da própria esfera mental, aprender a discernir a qualidade dos pensamentos e aprender a direcionar o próprio pensamento.

» Viajar é entrar e experimentar diferentes esferas mentais e físicas.

» Você não precisa se deslocar externamente para viajar internamente.

» O homem é essencialmente um Eterno Peregrino, fazendo uma jornada evolutiva infinita para se tornar um com toda a vida nos reinos sem limites.

Hoje em dia, viajamos muito. É quase uma obrigação voar para os destinos mais exóticos durante as férias. Os aeroportos internacionais estão cada vez mais lotados. Foi somente a partir do início do século XX que as pessoas passaram a ter férias. E agora existe o ‘estresse das férias’, a pressão social para sair de férias e o excesso de turismo.⁽¹⁾

Mas, afinal, o que é viajar e por que as pessoas viajam? É um fim em si mesmo ou apenas um meio para ir de A a B? Quem exatamente está viajando e quando podemos dizer que estivemos em algum lugar? E por que o sábio Lao-tse diz: ‘Sem sair de casa, pode conhecer o mundo todo?’⁽²⁾

Quem está viajando?

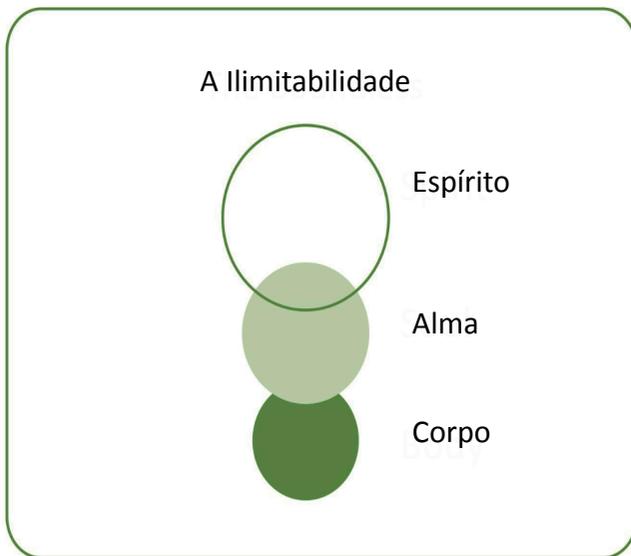
Vamos começar perguntando quem está viajando. À primeira vista, não parece muito diferente do movimento de um corpo humano por alguma distância no mundo externo ou, de acordo com a Wikipédia: ‘Viagem é o movimento de pessoas entre locais relativamente distantes.’⁽³⁾

Mas quando viajamos, geralmente queremos dizer mais do que apenas mover nossos corpos ao redor da Terra. Consciente e inconscientemente, vivenciamos muito mais durante nossas viagens, conhecendo novas pessoas e tendo todos os tipos de novas experiências.

Agora, cada pessoa tem um determinado caráter e, portanto, vemos que a mesma jornada é vivenciada de forma diferente por cada pessoa. Nosso caráter também muda com o tempo e, portanto, vivenciamos a mesma jornada de forma diferente em diferentes

momentos de nossa vida. Assim, você pode se perguntar se há um núcleo em nós que permanece o mesmo durante todas essas jornadas. E se houver, quem ou o que é?

Essa é a mesma pergunta que tem sido feita em todas as épocas quando se busca a essência subjacente de cada ser humano. As principais religiões e sistemas filosóficos do mundo falam de uma essência espiritual. Algo que não pode ser apreendido ou capturado no mundo exterior porque está em outro reino: o interior que precede o exterior. Isso se repete em todas essas tradições em termos diferentes. O que o cristão Paulo chama de ‘espírito’, os budistas designam como o ‘Buddha interior’, Platão chama de ‘o divino’, os hindus de ‘Brahma’ e o filósofo Leibniz, seguindo os pitagóricos, descreve-o como a ‘mônada’. Segue-se que o homem é um ser composto, que consiste em pelo menos duas partes:



uma consciência e um corpo que a consciência utiliza, ou, em outras palavras, um motorista e seu veículo.

Essa divisão pode ser descrita com um pouco mais de detalhes com uma divisão tripartite de espírito, alma e corpo, como fez São Paulo. Em cada corpo ou veículo atua a essência espiritual, um centro de consciência universal. Todo ser vivo é essencialmente uma expressão desse núcleo vital infinito ou espírito. A alma, ou natureza intermediária, é caracterizada pelo que o ser aprendeu a expressar a partir desse núcleo espiritual-divino. A alma é, portanto, uma parte do aprendizado e faz de um ser o que ele é: um átomo, uma planta, um animal, uma consciência humana ou sobre-humana, como um Buddha ou 'Deus'. Nos seres humanos, o centro espiritual e divino da consciência se expressa por meio da faculdade de pensar. Observando que o corpo, a alma e o espírito não podem ser separados, inicialmente nos concentramos na alma humana como um peregrino ou viajante que pensa e aprende.

O ser humano como um viajante

Os seres humanos são pensadores. Nosso caráter mental define quem somos. Os pensamentos precedem tudo o que o ser humano faz, consciente ou inconscientemente. Portanto, na Theosophia, vemos o pensamento em um sentido muito mais amplo do que apenas o raciocínio intelectual ou lógico. Temos muitos tipos de pensamentos. Pensamentos de natureza física, emocional ou de desejo, até pensamentos de natureza mais universal, como pensamentos de insight ou compassivos.

Como seres humanos, estamos no processo de aprender a pensar de forma consciente e independente. Podemos aprender a ter domínio sobre nossos pensamentos e, assim,

direcionar o desenvolvimento de nosso caráter. Estágios importantes – que podem se sobrepor – são os seguintes:

1. *conscientizar-se* do próprio mundo de pensamentos e de sua influência sobre si mesmo e sobre os outros; nesse estágio, a alma desperta;
2. consciência do escopo da faculdade de pensar e do *discernimento* entre pensamentos limitantes e egoístas e pensamentos expansivos e altruístas e a capacidade de escolher entre eles; a alma, assim, enxerga através da ilusão da parte corpórea e se torna independente;
3. *direcionando* os próprios pensamentos e sua influência sobre o caráter e, portanto, sobre o mundo ao nosso redor; a alma ascende gradualmente à parte espiritual.

Por que enfatizamos isso? Primeiro, porque, para os seres humanos, nosso pensamento define quem somos. E segundo, porque isso permite a definição de viagens no domínio da alma *humana*.

O que é viagem?

Com o histórico do homem como uma alma pensante, viajar pode ser definido como *entrar e experimentar diferentes esferas mentais e físicas*. Podemos perceber que nossa parte mental está mais ativa quando viajamos. Estamos constantemente adquirindo novas impressões, comparando o que experimentamos com o que nós mesmos carregamos conosco como bagagem mental e possivelmente nos adaptando a novos padrões de hábitos.

Portanto, de acordo com essa definição, viajar é muito mais do que cruzar uma distância física. É também uma atividade interior. Portanto, a viagem é um conceito relativo que depende da percepção mental da pessoa que a está experimentando. Para uma pessoa, um voo intercontinental é apenas 'deslocamento' e, para outra, uma visita ao mercado local é uma 'viagem ao redor do mundo'. Assim, cada um construiu seu próprio quadro mental de referência.

Viagem como um processo de crescimento da consciência

Viajar como entrar e experimentar diferentes esferas mentais desempenha um papel particularmente importante no primeiro estágio de nosso desenvolvimento de caráter como pensadores: *tornar-se mais consciente*.

Quer se viaje por lazer, aventura ou para aprender sobre outras culturas, uma viagem sempre traz certos elementos que podem estimular nosso crescimento interior ou o desenvolvimento do caráter. Toda viagem funciona como um espelho para nós mesmos. Agora, raciocinando a partir

do karma, isso se aplica em geral, também às nossas experiências cotidianas. Mas durante a viagem, geralmente temos experiências bem diferentes das nossas rotinas diárias. Portanto, as experiências tendem a se destacar um pouco mais. Por exemplo, podemos nos conhecer melhor em novas situações que despertam algo em nós, ou quando entramos em contato com certas pessoas pela primeira vez.

Essa reflexão pode começar já na preparação de sua viagem. Muitas vezes, descobrimos que podemos sobreviver com apenas alguns recursos materiais: um teto sobre nossas cabeças em apenas uma barraca ou em um quarto básico (de hotel) no local de destino, uma ou duas malas ou bolsas com algumas roupas e itens de primeira necessidade, um cartão de crédito ou de caixa eletrônico, um passaporte para quando formos para o exterior, um laptop para fazer algum trabalho e talvez alguns livros para ler. Isso nos mostra quais são realmente as nossas necessidades básicas.

Uma vez no exterior, somos confrontados com novos costumes e hábitos. Comida diferente, idioma diferente, maneiras diferentes, tudo isso nos torna mais conscientes de nossos próprios hábitos e do quanto nos apegamos a eles. Podemos abandonar facilmente nossos rituais matinais? A que coisas de nossa própria cultura nos apegamos? E o que queremos levar para casa conosco? Por exemplo, uma certa hospitalidade que experimentamos em outro país.

Nesse processo, também aprendemos mais sobre nosso próprio caráter. Temos facilidade para fazer contato com outras pessoas em um novo ambiente, mesmo que às vezes elas falem um idioma diferente? Que tipo de pessoas nos atrai? Onde nos sentimos confortáveis? O que queremos fazer, etc. Há muitas escolhas que fazemos em nossas rotinas diárias em casa, mas quando viajamos, às vezes temos de fazer novas escolhas e, ao fazer isso, passamos a nos conhecer melhor. Às vezes, também podemos experimentar o que é ser jogado de volta para nós mesmos. Por exemplo, o trem em que você está não pode ir adiante e algo está sendo chamado em um idioma que você não entende. Isso pode deixá-lo um pouco inseguro, mas, ao mesmo tempo, você pode perceber que sempre há pessoas que estão lá para ajudar.

Às vezes, quando passamos mais tempo no exterior, encontramos exatamente os mesmos problemas que em casa: levamos a nós mesmos com todas as nossas características e vemos como os outros reagem a elas. Em outras ocasiões, nós transformamos à medida que avançamos e descobrimos novos lados de nós mesmos que podemos aproveitar em nosso país.

Também percebemos, quando passamos algum tempo no

exterior, que as pessoas não são muito diferentes de nós. As pessoas querem estar presentes para os outros, querem contribuir com algo para a comunidade por meio de sua ocupação ou de outras formas e procuram respostas para os desafios que enfrentam na vida. Isso pode nos conscientizar de nossa conexão com os outros.

Esse estágio de consciência na viagem ocorre quando estamos abertos a novas experiências, especialmente quando vamos a algum lugar pela primeira vez ou estamos em um lugar novo pela primeira vez. Talvez seja por isso que as viagens nos atraem, especialmente quando somos jovens, quando estamos descobrindo quem somos e explorando o mundo.

A julgar pela definição de viagem como a entrada e a experiência em diferentes esferas mentais e físicas, fica claro o impacto que a viagem pode ter sobre nós. Portanto, é bom refletir sobre o motivo pelo qual viajamos.

Por que é que as pessoas viajam?

As viagens, conforme descrito acima, podem nos tornar mais conscientes, desde que continuemos a nos perguntar. Mas o grau em que estaremos mais ou menos abertos a novas experiências depende de nosso motivo – a razão pela qual viajamos. Muitas pessoas não estão cientes desse motivo, conforme evidenciado pela existência de um fenômeno como o estresse das férias: pessoas que nem mesmo querem fazer isso viajam porque acham que seus círculos sociais esperam isso delas. Mesmo que algumas pessoas não tenham consciência de seu motivo para viajar, uma viagem sempre pode ser um meio de conscientização e, portanto, o primeiro passo para o desenvolvimento mental do caráter. A partir desse ponto de conscientização, podemos discernir em nós mesmos diferentes motivos.

Esse aprendizado para discernir diferentes aspectos do pensamento e nossos motivos subjacentes é um segundo estágio importante. Basicamente, há dois motivos opostos em nosso pensamento, a saber: egoísta e altruísta. Os motivos egoístas são limitadores; então, nos concentramos particularmente em nosso interesse próprio. Os motivos altruístas são amplos e partem da unidade, do interesse do todo. Em geral, há uma mistura desses dois tipos de motivos nas pessoas.

Viajando por si mesmo

Um exemplo de motivo mais egoísta para viajar é o desejo de status. A pessoa espera impressionar os outros com uma viagem distante ou aventureira. Muitas vezes, essa impressão com os outros é apenas passageira. Afinal, se os outros

demonstrarem interesse em você por causa de uma viagem distante, isso não durará muito, em comparação com, digamos, o interesse deles em você por causa de algum traço de caráter que você tenha. Além disso, sempre há pessoas que têm experiências de viagem excepcionais. Assim, o desejo é ainda mais alimentado por destinos ainda mais exóticos, lugares onde ‘ninguém nunca esteve antes’ ou experiências mais extremas que ‘só se vive uma vez na vida’. Esse desejo por mais alimenta uma espiral de competição e consumo na qual as pessoas perdem de vista os efeitos sobre a harmonia do todo. Considere, por exemplo, a desigualdade exemplificada por viajantes ricos que só querem se hospedar em resorts de luxo em países do Terceiro Mundo, ou o efeito climático dos muitos voos para destinos distantes. Além disso, se as pessoas quiserem impressionar os outros com suas experiências exóticas, aventureiras ou luxuosas, elas terão uma consciência limitada do que experimentam mentalmente em outra cultura. Por exemplo, ao correrem de uma atração turística para outra, dificilmente estarão cientes e em contato com as pessoas e a cultura locais.

Viajando para os outros

Por outro lado, vemos pessoas viajando por motivos mais altruístas: para se recarregarem para seu trabalho em prol dos outros, para aprenderem com novos povos ou culturas, ou precisamente por causa de uma certa conexão com outras pessoas no exterior. Por exemplo, esse último motivo pode ser uma visita a um amigo ou parente em um país distante, para ajudar outros seres humanos em circunstâncias difíceis ou para organizar algo com pessoas de diferentes partes do mundo para alguma causa em comum.

Visto por esse motivo, a viagem é apenas um meio e não um fim em si mesma. O escritor russo Leo Tolstói ilustra isso de forma bela e lúcida com sua história de dois velhos cristãos que, para completar suas vidas, querem viajar para a sagrada Jerusalém. No caminho, um deles se depara com uma família necessitada. Ele interrompe sua viagem e ajuda as pessoas, apesar de isso o impeça de continuar sua jornada. No entanto, interiormente, ele pode alcançar a ‘santa Jerusalém’ muito mais do que seu amigo que continuou sua jornada física para Jerusalém.⁽⁴⁾

A viagem exterior

Se a viagem é principalmente um processo mental, qual seria o propósito da viagem externa? Você precisa viajar para descobrir outras esferas? Ou essa forma de viagem é apenas algo ilusório?

Historicamente, é bastante singular o fato de uma viagem de férias ao exterior ser comum para tantas pessoas na sociedade ocidental. Há cem anos, as viagens eram principalmente domésticas e, outros cinquenta anos antes disso, as férias praticamente não existiam. Na escola teosófica de Rāja Yoga de Point Loma, na primeira metade do século XX, as crianças não tinham férias. Com até três horas de aulas em um dia letivo, muito exercício físico e tempo à noite para música e teatro, eles garantiam um equilíbrio saudável de trabalho físico, mental e espiritual, o que eliminava a necessidade de férias.

Algumas pessoas conseguem escrever ou contar de forma tão vívida sobre determinados lugares, mesmo sem terem estado lá, que você tem a ideia de realmente estar lá. E, quando você realmente vai ao local, tem a impressão de já ter estado lá antes.

Podemos nos perguntar até que ponto alguém pode afirmar com veracidade que ‘estive em algum lugar’, porque nenhum lugar no mundo é permanente. Cada lugar que você visita hoje é diferente amanhã. Assim como você mesmo, aliás. Se você for a um lugar familiar novamente amanhã, você o perceberá de forma diferente, dependendo do seu pensamento. E quanto mais você se mover mentalmente, menos as lembranças de um determinado lugar o levarão de volta à mesma atmosfera.

A natureza ilusória da viagem para o exterior também é evidenciada pelo fato de que, no reino físico, percorremos continuamente grandes distâncias sem nos darmos conta disso. Nosso planeta gira em torno do sol e este, por sua vez, faz um movimento circular em torno do centro de nossa galáxia a uma velocidade impressionante de muitas centenas de milhares de quilômetros por hora (720.000 km/h, de acordo com cálculos científicos recentes).⁽⁵⁾ E mesmo nossa galáxia não fica parada no espaço em um só lugar. Portanto, estamos atravessando o universo a uma velocidade tremenda, entrando em novas regiões com nossa ‘nave espacial Terra’ a cada segundo.

Portanto, a julgar pela definição de viagem como a entrada e a experiência em diferentes reinos mentais e físicos, isso pode ser feito mesmo sem qualquer movimento físico neste planeta. Nesse sentido, também podemos falar de viagem quando lemos um livro, assistimos a um filme ou até mesmo quando conversamos. Portanto, viajar para a alma humana é principalmente uma atividade mental. Então, o que significa viajar no contexto mais amplo da jornada interior que fazemos como seres humanos para expressar nosso caráter?

A viagem interior

Aqui chegamos ao terceiro estágio do desenvolvimento do caráter: se nos tornamos conscientes de nossos pensamentos e podemos discernir os motivos que os sustentam, então somos capazes de *direcionar nossos pensamentos* e, assim, também direcionar nosso caráter e o efeito que temos em nosso mundo. Então, viajamos sem sair de casa. O sábio Lao-Tsé escreveu sobre isso em seu *Tao Te King*:

Sem sair de casa,
Pode conhecer o mundo todo.
Sem olhar pela janela
Você pode ver o Tao do céu.

Quanto mais longe for,
Quanto conhecerá.

Portanto o Sábio
Não viaja, mas todavia sabe
Não olha, mas vê
Não se esforça, mas consegue.⁽⁶⁾

Quanto mais aprendermos a conhecer e controlar nosso pensamento, mais facilmente poderemos alcançar certos estados espirituais de consciência interior. Por meio desses outros estados de consciência, abre-se a possibilidade de viajar para outras esferas além desses reinos externos. Com o desenvolvimento de nossa imaginação e idealismo, por exemplo, já entramos mentalmente em outros reinos e nós treinamos para perceber dentro de esferas internas. Também entramos nessas esferas internas durante o sono ou durante o grande sono que chamamos de morte. Então, a parte superior de nossa alma ‘viaja’ temporariamente junto com a parte espiritual. Como nossos poderes internos de percepção ainda não estão suficientemente desenvolvidos, ainda não estamos cientes disso.

O Eterno Peregrino

Na literatura teosófica, que revela o cerne de todas as religiões e sistemas filosóficos, a parte espiritual do homem também é chamada de ‘Eterno Peregrino’. É o núcleo da consciência em cada um de nós, essencialmente infinito em potencialidade, em alcance de consciência, em crescimento. O Eterno Peregrino é aquela parte em nós que permanece a mesma por meio de inúmeras encarnações. Ele é ‘não-local’, como dizem alguns cientistas, como um ponto matemático, com sua ‘circunferência em lugar nenhum e seu centro em toda parte’. O Kosmos inteiro é seu lar.

A jornada do Eterno Peregrino é a jornada evolutiva sem fim através do ilimitado.

A alma (humana) é como um filho do Eterno Peregrino. Aprendemos a expressar cada vez mais nossa parte espiritual – o Eterno Peregrino que nos ‘irradia’. Quanto mais nos desenvolvemos vida após vida, mais podemos nos tornar um com essa parte espiritual.

Conclusão: por que é que viajamos?

Viajar está mais popular do que nunca. Talvez porque muitos não estejam familiarizados com outras maneiras de vivenciar diferentes esferas mentais e, assim, tomar consciência das partes mais elevadas dentro de si mesmos. A humanidade em geral ainda está buscando um propósito na vida. As pessoas perderam de vista a sabedoria antiga com seus ensinamentos universais, como a reencarnação, karma e a evolução autodirigida. Os meios de aumentar a conscientização, como as viagens, são rapidamente elevados de um meio para um fim. A viagem como um objetivo em si, visando à autorrealização.

No entanto, graças à lei oculta – como acima, assim abaixo – as viagens externas podem levar a uma maior conscientização. A viagem pode ser vista como uma peregrinação evolutiva em miniatura. Uma viagem pode funcionar como um espelho para as pessoas, pode torná-las mais conscientes e permitir que conheçam novas esferas mentais e cultivem um senso de conexão com todas as pessoas. E em qualquer jornada, mesmo no reino externo, nunca viajamos sozinhos. Nossas partes internas estão sempre esperando o momento em que abrimos nossas mentes para elas, levando-nos em uma jornada ainda maior do que a que podemos imaginar.

Visto da Theosophia, uma definição mais universal de viagem é: tornar-se uno com toda a vida nos reinos sem limites, nossa jornada infinita de evolução. Essa viagem em si, sem objetivo final, é a nossa verdadeira jornada.

Referências

1. <https://en.wikipedia.org/wiki/Overtourism> visitado pela última vez em 31 de julho de 2024.
2. Lao-Tse. Tao Te King. Versículo 47, várias traduções.
3. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Viagem>
4. Leo N. Tolstoi, *Dois Velhos*. A história está incluída em várias coleções de Tolstoi.
5. http://www.iop.org/activity/outreach/resources/pips/topics/earth/facts/page_43079.html.
6. Consulte a ref. 2.

Perguntas que as crianças fazem - parte 3

Em nossa última edição, pedimos aos leitores que respondessem à pergunta ‘Onde estou quando durmo?’. Uma avó nos enviou a resposta que dá a seu neto de dois anos quando ele não consegue dormir.

Eu lhe digo que quando ele for dormir, estará na área de descanso do mundo em que vivemos. A área da qual ele talvez se lembre antes de se juntar à mãe e ao pai. A área para onde você vai quando seu tempo aqui termina novamente. E, milagrosamente, ele entende isso, fica muito calmo e dorme.

As crianças podem fazer uma enxurrada de perguntas e, às vezes, há algumas bem profundas entre elas. Felizmente, as crianças ficam maravilhadas com o mundo ao seu redor e tentam dar sentido ao que veem, ouvem, sentem, cheiram e assim por diante. Provavelmente, todos vocês conhecem a fase dos ‘porquês’ pela qual elas passam. Um fluxo interminável de perguntas que não são de todo estranhas. Uma boa pesquisa requer curiosidade, uma mente aberta e, geralmente, levanta ainda mais perguntas. Como adultos, queremos responder bem a essas perguntas específicas ou profundas. Mas pergunte a si mesmo: até que ponto você pensa bem sobre as perguntas que lhe chegam? Você realmente entende a pergunta que a criança está fazendo antes de responder? Você já se perguntou por que a criança está fazendo essa pergunta? O que exatamente ela quer dizer com isso?

Como escrevemos anteriormente em nosso periódico, é importante conhecer o contexto da pergunta. Afinal, queremos dar uma resposta que incentive a criança a pensar mais por conta própria, para que ela possa aumentar sua própria compreensão.⁽¹⁾ Uma pergunta é uma ótima oportunidade para envolver a criança em uma conversa. Ao falar sobre a pergunta e fazer perguntas, você descobre o que está acontecendo e a resposta à pergunta inicial pode não ser necessária.

Perguntas sobre uma pergunta

Durante a Semana do Livro Infantil, houve uma conversa com crianças no rádio. Elas falaram sobre leitura e livros. Durante a conversa, uma das crianças perguntou: *‘Quantos livros vazios ainda restam?’*

Não sabemos se a pergunta foi respondida. A pergunta que vem à mente é o que o jovem questionador quis dizer com sua pergunta. O que poderia estar por trás dessa pergunta? Em que tipo de livros ele está pensando?



- Como ele imagina os livros?
- Como ele chegou à pergunta?
- Há quanto tempo ele está pensando nisso?
- O que esses livros devem conter?
- Como eles serão preenchidos e quem fará isso?

A maravilha das crianças é uma qualidade valiosa que devemos incentivar. Por trás das perguntas, geralmente há pensamentos mais profundos. Será que a criança que fez a pergunta sobre os livros vazios, em seu próprio nível infantil, não poderia ter uma visão mais profunda sobre isso? Não sabemos. Mas não devemos ignorar essas perguntas profundas respondendo apressadamente. Afinal de contas, a filosofia começa com o maravilhamento. Ao iniciarmos uma conversa uns com os outros, aprenderemos que a pergunta é uma resposta em formação, para a criança e para nós mesmos.

Astrid Kramer

Referência

1. Astrid Kramer, Perguntas que as crianças fazem. Artigo em: *Lúcifer – o portador da luz*, número 4, outubro 2024, p. 129. (Fonte: https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_PT/lucifer-pt-2024-4.pdf)



Um bom exemplo exerce uma influência positiva

Como um professor do ensino fundamental fez com que seus alunos se tornassem leitores ávidos

Pensamentos-chave

» O princípio da ressonância é bem conhecido no mundo físico. Mas o mesmo princípio vale num nível mais interno, o nível mental.

» Anne mesma é uma leitora ávida. Por isso irradia seu entusiasmo contagiante para as crianças.

» A ocorrência de uma ressonância frutífera depende, em primeiro lugar, da qualidade e da intensidade daquele que é o exemplo. Mas há um terceiro elemento importante para que a ressonância ocorra de forma ideal, que é a sintonia com a mente receptora.

» É cooperar com a natureza para expressar o que está essencialmente dentro de nós. Para dar o exemplo de ser um professor natural, isto é, por meio de inspiração e ressonância. E o resultado é fantástico.

A professora holandesa do ensino fundamental Anne Steenhoff ficou chocada com o nível de leitura de seus alunos. Em vez de esperar que o diretor da escola tomasse ação, ela tomou as coisas em suas próprias mãos para melhorar a situação. Como? Sendo ela mesma o exemplo de leitura.

O nível de alfabetização e o prazer da leitura entre as crianças na Holanda vêm diminuindo há anos e, atualmente, caiu para um nível alarmante. Enquanto em 2018 um quarto dos alunos holandeses deixou o ensino médio com baixo nível de alfabetização, em 2022 essa parte baixa subiu para um terço. A Inspeção de Educação está soando o alarme, pois os alunos holandeses estão no final da lista de todos os países da Europa Ocidental. O que está acontecendo aqui?

“Odeio ler, prefiro ficar no celular, não tenho concentração...” são alguns dos motivos apresentados pelas próprias crianças. Mas quem é o culpado? As crianças de hoje são menos motivadas intrinsecamente? Será que talvez elas sejam menos capazes de se concentrar por causa de todas as distrações digitais que as cercam?

Uma resposta convincente veio recentemente da professora do ensino

fundamental Anne Steenhoff: Não, não são as crianças, é o exemplo que elas recebem. As crianças de hoje são tão capazes de se concentrar em um livro quanto antigamente e, além disso, elas o farão com grande prazer, se forem criadas as condições certas. Em um ano e meio, Anne fez com que seus alunos da sexta série – de acordo com as próprias crianças – ficassem viciados em leitura. Mas talvez ainda mais impressionante seja o aumento no nível de leitura de sua classe. Contrariando todas as tendências nacionais, ele subiu, no mesmo período, para o nível necessário para passar no exame de ensino médio geral sênior! Como ela conseguiu fazer isso?

Compreensão da causa

De volta ao início, quando Anne ainda era estagiária em uma escola primária. Durante os 15 minutos de leitura, ela também estava lendo um

livro. “Não tem nada melhor para fazer?”, perguntou sua supervisora de estágio, batendo em seu ombro. “Não, na verdade não”, pensou Anne. Um pensamento justificado, como se veria mais tarde. Esse foi o primeiro incidente que a fez perceber o que estava errado no ensino da leitura. Aos poucos, ela começou a perceber mais coisas, como o nível abaixo do padrão dos livros oferecidos na estante, fazendo com que os alunos lessem estruturalmente abaixo de seu nível.

Mas, para Anne, foi decisivo o momento em que ela ouviu uma conversa no corredor entre uma professora e a diretora da escola sobre a compra de novos livros infantis. Quando a professora pediu um conselho, a diretora respondeu: “simplesmente faça alguma coisa”. Essa foi a gota d’água para Anne. Como foi possível dar uma resposta tão descuidada e desinteressada sobre um assunto que, dias antes, em uma reunião de professores, havia se mostrado tão problemático? Pelas próprias pessoas responsáveis pela qualidade da educação?⁽¹⁾

Um pequeno salto no tempo. Anne havia concluído seu estágio, agora estava dando aulas sozinha e havia decidido fazer as coisas de forma diferente. Ela tomou algumas medidas, a primeira das quais foi estender o tempo de leitura: os 15 minutos de leitura foram prolongados para meia hora. As crianças tinham que ter a chance de passar pelo menos quinze minutos lendo concentradamente e, quando todos estavam com seus livros na frente, esses quinze minutos já haviam passado.

Em segundo lugar, ela percorreu a estante com um saco de lixo e retirou todos os livros (de quadrinhos) que estavam abaixo do nível de leitura de seus alunos. Mas talvez a mudança mais importante tenha sido que, assim como durante seu estágio, *ela começou a ler também*. Não escondida no fundo da classe, mas sentada pontificalmente em cima de sua própria mesa! Por que isso foi tão importante? Porque, ao fazer isso, a própria Anne deu o exemplo. Ela não usou o tempo para fazer algo para si mesma ou para verificar a lição de casa, mas para liderar, fazendo ela mesma o mesmo. As crianças se concentram em seus professores por natureza, mas o que torna isso tão bem-sucedido nesse caso é o fato de a própria Anne ser tão entusiasmada com a leitura. E irradiar esse entusiasmo é contagiante. A cada vez, as crianças ficam curiosos sobre o que ela está lendo.

O poder da ressonância

O processo que está ocorrendo aqui pode ser resumido em uma palavra pelo termo *ressonância*.

Ressonância mental

O princípio da ressonância mental não se aplica apenas à leitura de livros. Sempre irradiamos o que somos interiormente, quer queiramos ou não. Portanto, proclamar uma determinada opinião faz pouco sentido se você mesmo estiver fazendo o oposto do que está dizendo. Se você defende a sobriedade, mas se cerca de luxo, não inspirará ninguém à sobriedade. O mesmo acontece se você afirma aspirar à paz, mas tem constantemente pensamentos odiosos e agressivos. Assim, você estará contribuindo para a inimizade, e não para a paz. Se, no entanto, nós mesmos formos pacíficos e harmoniosos, sempre com pensamentos benevolentes e amorosos em relação aos outros, estaremos contribuindo de forma substancial para um mundo pacífico – mesmo que não comuniquemos isso verbalmente com ninguém ou que a outra pessoa não pareça se importar.

O princípio da ressonância é bem conhecido no mundo físico. Ao tocar a corda Mi baixa de um violão, a corda Mi alta imediatamente começa a vibrar junto com ela. Há inúmeros vídeos de tutoriais de física na Internet em que alguém bate em um diapasão perto de outro, que imediatamente começa a vibrar também, produzindo seu próprio tom.

Mas, por mais conhecido que esse fato seja na física, tão desconhecido ou subexposto, pelo menos, é o fato de que exatamente o mesmo princípio é verdadeiro em um nível mais interno. Não se trata de uma ressonância física, mas mental. Como isso funciona? Como você pode fazer alguém ressoar internamente? Para isso, a primeira condição necessária é que essa vibração interna ocorra de fato. Você pode dizer que isso é óbvio, mas eu enfatizo porque implica algo fundamental, pois essa ressonância não pode ser fingida. Em resumo, você deve ser a vibração.

Assim como o segundo diapasão não vibrará se você apenas *fingir* que está batendo no primeiro, uma criança não se sentirá inspirada se o próprio professor não estiver entusiasmado com o que está sendo ensinado. E as crianças, em particular, percebem com precisão se algo está sendo fingido ou genuíno.

É daí que vem o grande sucesso da Anne: *ela mesma* é uma leitora ávida e, por *ser* uma, irradia seu entusiasmo contagiante para as crianças (consulte o quadro ‘Ressonância mental’). Nesse processo de ressonância, alguns fatores são importantes. Sempre irradiamos uma atmosfera: sempre há uma influência que emana de nós, quer queiramos ou

não. Mas a ocorrência de uma ressonância frutífera depende, antes de tudo, da *qualidade* e da *intensidade* daquele que é o exemplo. Nesse caso, isso é determinado pelo conhecimento e pelas habilidades de leitura da professora (qualidade) e por seu grande entusiasmo e desejo genuíno de transmitir isso às crianças (intensidade).

Mas, além desses dois, há um terceiro elemento importante para que a ressonância ocorra de forma ideal, que é a *sintonia* com a mente receptora. Em outras palavras, a conexão com o nível e o mundo experiencial do aluno. Anne faz isso conversando com seus alunos e descobrindo quais são seus interesses. Com base nisso, ela escolhe livros específicos que ela mesma começa a ler primeiro. “Eles olham ansiosamente para o livro que estou lendo agora e pedem que eu me apresse para que eles mesmos possam começar a lê-lo”, diz ela.

Instrução versus educação

Ressonância é o processo de gerar, trazer à vibração ou ativar o que já está latente em seu interior. Se algo não estivesse presente, não poderia ressoar. A palavra ‘educação’ é derivada desse mesmo processo de despertar interior. Ela vem da palavra latina *educere*, que significa ‘levar para fora’: levar para fora as habilidades que estão contidas em seu interior. O processo de *inspiração* também ocorre dessa forma.

Por outro lado, o oposto da educação é a instrução: fornecer informações de fora, dizer aos alunos para seguirem alguns comandos ou aprenderem algum método. Essa é a forma dominante no sistema educacional atual. Vou explicar isso com o seguinte exemplo. Por curiosidade, dei uma olhada no site da Inspeção de Educação para ver quais medidas foram mencionadas para evitar ‘o desastre nacional da leitura’.

Abaixo estão alguns trechos do site que foram escritos para promover os níveis de leitura, com base em um ‘grupo de foco de especialistas’ e um chamado ‘plano mestre’.

De acordo com o grupo focal, com um foco adequado na compreensão da leitura, mais atenção às habilidades de ordem superior (como interpretação e avaliação) e o uso de insights sobre o ensino eficaz da leitura, é possível obter melhores resultados em todos os aspectos. [...] Isso, de acordo com um grupo de foco consultado de especialistas em leitura, poderia ser ainda mais proveitoso se, no processo, fosse dada mais atenção a como os alunos realmente leem bem os textos e se fosse feito mais uso dos chamados textos ricos. Isso requer mais desenvolvimento de conhecimento especializado e profissionalização das ações dos professores.⁽²⁾

Fala-se até em iniciar um *BookTok*, baseado no popular TikTok, mas agora aplicado para ‘definir metas de leitura on-line’.

Está vendo a diferença? Principalmente medidas e metas *externas* focadas em resultados e eficiência, mas uma total ausência de estímulo interno, alegria intrínseca pela leitura e entusiasmo.

Que grande contraste isso tem com o método da Anne de atenção verdadeira, maravilha genuína por uma história, entusiasmo pela leitura e por passá-la adiante. A atmosfera de concentração interior e prazer que ela evoca e irradia como líder natural do grupo, à qual seus alunos podem ‘ressoar’, sendo infectados pelo vírus da leitura. Esse é o princípio natural do verdadeiro ensino: estimular no aluno as habilidades latentes que já estão presentes em seu interior. Nas tradições orientais, essa abordagem também é conhecida como o método Rāja Yoga, ou: o Caminho Real. Real porque somos estimulados a desenvolver nossas habilidades internas por nós mesmos e a obter domínio sobre elas. E para o professor, isso significa ser o exemplo vivo.

Tornar-se um professor natural

Anne, por sua vez, escreveu um livro no qual expõe o problema da falta de bons exemplos no treinamento de professores do ensino fundamental.⁽³⁾ Pesquisas mostram que até 40% dos estudantes nunca leem um livro voluntariamente, nem são incentivados a fazê-lo. Muitas vezes há incerteza ou não se sabe por onde começar, observa Anne.

Ela recomenda ajudar e incentivar esses estudantes, para que eles atinjam o nível certo e desfrutem da leitura. E que se, depois desse apoio, eles ainda não estiverem dispostos a ler, é melhor escolher outra profissão. Porque se você, como futuro professor, não tiver essa habilidade, como poderá ser a expressão viva dela para seus alunos?

Anne conseguiu fazer com que seus alunos da sexta série atingissem o nível de leitura dos alunos formandos do ensino médio em um ano e meio. Repito novamente, porque é um resultado surpreendente, que não pode ser alcançado por nenhum grupo de discussão, plano mestre, meta de leitura ou qualquer medida externa. É ao mesmo tempo angustiante e esperançoso. Angustiante porque há muito desconhecimento desse princípio básico entre os formuladores de políticas no sistema educacional, o que resulta em uma tomada de decisão infeliz, contra seu bom senso. Mas, ao mesmo tempo, é esperançoso porque a solução é muito clara e simples. Afinal de contas, quanto esforço foi necessário para que Anne alcançasse esse sucesso? Um sucesso que veio do simples fato de ser ela

mesma, porque é sua própria motivação interna, sua própria maravilha e entusiasmo que ela irradia. Ela está cooperando com a natureza, por assim dizer, para expressar o que está essencialmente dentro de nós. Para dar o exemplo de ser um professor natural, ou seja, por meio de inspiração e ressonância. E o resultado é fantástico.

Referências

1. Entrevista com Anne Steenhoff (em holandês). (Fonte: <https://eva.avrotros.nl/artikel/anne-steenhoff-over-hoe-we-kindereen-weer-aan-het-lezenkrijgen-24>).
2. Comunicado à imprensa da Inspeção de Educação, 13 de dezembro de 2022: O desenvolvimento da leitura dos alunos está sob pressão; melhorar as habilidades de leitura exige esforços na escola e em casa. (em holandês). (Fonte: [https://www.onderwijsinspectie.nl/actueel/nieuws/2022/12/13/verbeteren-leesvaardigheid-vraagt-om-inspanningen-op-school-en-thuis#:~:text=De leesvaardigheid van leerlingen in,s\)bo 2020-2021](https://www.onderwijsinspectie.nl/actueel/nieuws/2022/12/13/verbeteren-leesvaardigheid-vraagt-om-inspanningen-op-school-en-thuis#:~:text=De leesvaardigheid van leerlingen in,s)bo 2020-2021)).
3. Anne Steenhoff, *Een lui letterland* (em holandês; o título do livro significa aproximadamente: *A terra das letras de Cockaigne*.) Das Mag Uitgeverij, 2024.

Perguntas e Respostas

Previsão de efeitos ambientais

Recentemente, foi relatado que um adoçante artificial amplamente utilizado, a sucralose, parece ter um impacto negativo sobre o crescimento de algas verde-azuis e diatomáceas (um determinado grupo de algas) e, portanto, sobre todo o ecossistema marinho. Afinal, ambos os grupos de organismos unicelulares desempenham um papel crucial nesse ecossistema.⁽¹⁾ Com o conhecimento da Teosofia, você poderia prever antecipadamente os efeitos das substâncias, ou seja, antes de elas serem introduzidas no meio ambiente?

Resposta

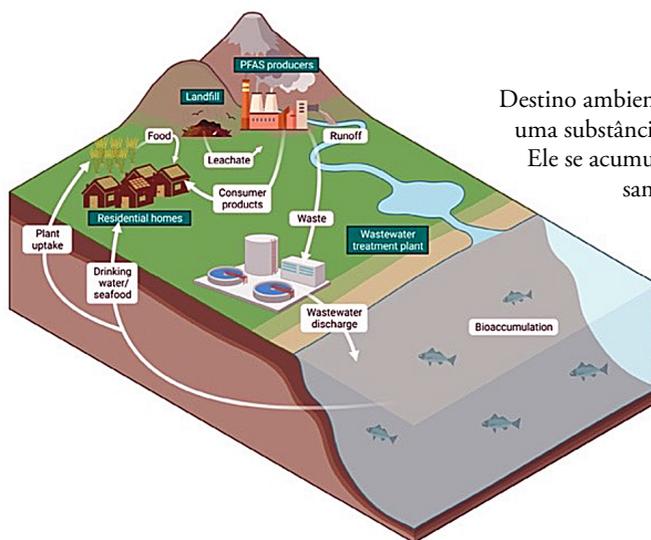
Todos os anos, um grande número de novas substâncias está sendo criado em nossos laboratórios, combinando átomos físicos de uma maneira específica. Essas substâncias geralmente não ocorrem em nosso meio ambiente. Se acabam em nosso meio ambiente, às vezes, após vários anos de uso, acabam tendo efeitos inesperados e adversos em seres humanos, animais ou plantas. Com as substâncias artificiais que são extremamente difíceis de serem

decompostas (chamadas de substâncias persistentes), surge um problema adicional significativo: seus efeitos desfavoráveis podem persistir por muito tempo. Os exemplos incluem DDT, CFCs, PFAS e microplásticos.

No entanto, o que a maioria dos cientistas não leva em conta, porque não se encaixa na visão de mundo materialista atual, é que esses átomos físicos são seres vivos. Essa é a ideia básica da Teosofia: tudo está vivo. Até mesmo um átomo físico é uma forma de vida: ele é animado por um ser atômico. Embora esses seres atômicos não tenham absolutamente nenhuma autoconsciência, cada tipo de ser atômico tem suas pró-

prias características e impulsos internos. Suas características são expressas no tipo de influência que exercem sobre outras substâncias (= outros seres). Essa influência pode ser muito poderosa, como sabemos pelas substâncias radioativas, substâncias altamente tóxicas e assim por diante.

O que fazemos quando criamos moléculas em laboratório que normalmente não ocorrem em nenhum lugar da Terra? Assim, *permitimos o nascimento de seres moleculares que não pertencem ao estágio atual de evolução de nosso planeta*. Sua característica pode pertencer a uma fase anterior, como é o caso dos chamados 'elementos transurânicos': átomos



Destino ambiental do PFAS, uma substância persistente. Ele se acumula em aterros sanitários, águas subterrâneas, animais, plantas.

radioativos muito pesados fabricados artificialmente. Esses elementos transurânicos pertencem a um período em que o planeta tinha um caráter muito mais material. Em nossa fase atual, eles são, portanto, instáveis: são altamente radioativos, o que significa que se desintegram com relativa rapidez em átomos que pertencem à nossa fase.

Agora, voltemos à sucralose e a outras substâncias persistentes. O fato de elas se decomporem muito lentamente significa que não participam dos ‘métodos de reciclagem’ do nosso planeta atual. Em outras palavras, são substâncias ‘estranhas ao ecossistema’. Então, como podemos esperar que esses seres moleculares interajam harmoniosamente com os outros seres em nosso ambiente? Eles se acumulam, muitas vezes em lugares indesejados. Eles não pertencem ao nosso período evolutivo. Portanto, sempre causarão algum tipo de desarmonia: por exemplo, por entupimento ou envenenamento.

Podemos prever com antecedência os efeitos que as moléculas recém-criadas terão? Do ponto de vista teosófico, isso é muito difícil. Isso requer um conhecimento profundo de suas características e de todos os ciclos da natureza.

Mas vamos dar um passo além: essa previsão é mesmo necessária? Por que deveríamos fabricar substâncias que não se decompõem, de qualquer forma? Será que pensamos o suficiente sobre as próximas gerações de humanos, animais e plantas? A ‘natureza’, ou seja, a imensa coletividade de todos os tipos de seres vivos, acabará voltando à harmonia, mas isso geralmente será acompanhado de desastres menores ou maiores para os seres humanos.

A partir disso, podemos tirar pelo menos duas conclusões. A fabricação

de substâncias persistentes, substâncias que dificilmente se decompõem, é sempre desaconselhada. A segunda conclusão é que precisamos analisar nossos motivos e ações de forma muito mais crítica. No caso da *sucralose*, há apenas um desejo de ‘luxo’: dar à comida um sabor doce sem engordar. Embora todos saibamos que, com um pouco de disciplina, você se acostuma com alimentos que não são nada doces.

Referência

1. Por exemplo: *Megan Winslow, Study reveals environmental impact of artificial sweeteners*. University of Florida, (Fonte: <https://www.sciencedaily.com/releases/2024/07/240708222354.htm>).

Existe um nono planeta?

Alguns cientistas suspeitam da existência de um nono planeta em nosso sistema solar: um planeta grande e de movimento lento, ainda mais distante do sol do que Plutão. Recentemente, essa ideia foi um pouco mais fundamentada.⁽¹⁾ Será que a Teosofia dá alguma pista sobre sua possível existência?

Resposta

Essa hipótese, segundo os próprios astrônomos, ainda é incerta. A razão pela qual eles apresentaram essa teoria foi o fato de que as órbitas dos inúmeros pequenos detritos além de Netuno mostram um arranjo que só poderia ser explicado por uma força externa ainda desconhecida. Essa ‘força externa’ poderia ser um planeta.

Como os cientistas poderiam descobrir isso? Eles podem aplicar a fórmula da gravidade a todo o sistema solar. Assim, você obtém uma equação complexa que descreve a massa (‘peso’) e as órbitas de todos os corpos celestes conhecidos. Se as órbitas

calculadas se desviarem ligeiramente das órbitas observadas, deve haver outros corpos celestes que ainda não foram descobertos. Porque somente a influência deles explicaria esses desvios. De acordo com a Teosofia, vemos com nossos instrumentos físicos apenas as manifestações mais materiais dos seres cósmicos que chamamos de ‘sol’, ‘planetas’, ‘cometas’, ‘luas’, ‘asteroides’, e assim por diante. Tudo está vivo, e toda consciência no cosmos se expressa em muitos planos de existência, desde um plano divino relativo até um plano material relativo – e também em todos os planos de existência intermediários. Vemos apenas as aparências mais externas de apenas alguns grupos de seres cósmicos que pertencem ao nosso sistema.

Além disso, a Teosofia diz que nosso sistema solar contém dezenas de planetas, a maioria dos quais não é perceptível aos nossos sentidos atuais, porque são mais etéreos ou mais materiais do que nosso plano de existência. No entanto, seremos capazes de detectar alguns deles indiretamente.

Um dos mestres de H.P. Blavatsky previu certa vez: descobriremos alguns planetas primeiramente ouvindo-os, em vez de vê-los.⁽²⁾ Portanto, há muito mais a ser descoberto!

Voltamos à pergunta: esses cientistas poderiam estar no rastro de um ‘planeta nove’? Com certeza, essa é uma das opções, pois o número de planetas em nosso sistema solar é *muito* maior do que oito. E se eles realmente encontraram um ‘planeta nove’, há pelo menos duas possibilidades: ou é um planeta que pertence à família do nosso sistema solar – o que significa que ele fez parte desse sistema solar durante várias de suas incorporações – ou é um planeta convidado. Netuno, por exemplo, é um planeta convidado. Os planetas convidados



O planeta Netuno é um planeta convidado de nosso Sistema Solar.

residem por um período relativamente curto em nosso sistema solar, após o qual continuam sua longa jornada pela Via Láctea. Sua jornada terminará quando eles também retornarem à sua própria família solar: lá eles se estabelecerão.

Referências

1. K. Fesenmaier, 'Caltech Researchers Find Evidence of a Real Ninth Planet'. (Fonte: <https://www.caltech.edu/about/news/caltech-researchers-find-evidence-real-ninth-planet-49523>).
2. Mahatmas M. and K.H., As Cartas dos Mahatmas para A.P. Sinnett. Compilado por A. Trevor Barker, carta 23B (carta 93B em ordem cronológica), resposta à pergunta 14.

Por que os romanos faziam dodecaedros de metal?

Os romanos fabricavam muitos instrumentos e, muitas vezes, de forma habilidosa. É interessante notar que há um grupo de objetos romanos cuja utilidade ou finalidade ainda é completamente desconhecida. Trata-se de *dodecaedros* de metal (sólidos com doze faces de cinco lados, veja a figura). Eles eram frequentemente encontrados perto de templos. Recentemente, outro foi encontrado na Inglaterra.⁽¹⁾ Para que eles podem ter sido usados?

Resposta

O que sabemos sobre elas, se consultarmos fontes científicas, é: são habilmente fundidas a partir de

combinações de metais e nunca foram encontrados vestígios de desgaste (o que seria o caso se fosse um instrumento como uma faca ou um dado). Seu tamanho varia de uma bola de golfe a uma bola de futebol. Cerca de 130 delas foram encontradas na Europa, datando do primeiro ao quinto século d.C. Elas não são discutidas em nenhum texto romano (que nós sabemos) nem representadas em nenhum vaso, mural ou mosaico.⁽²⁾ Esses fatos não são notáveis?

Nós também não podemos dizer nada com certeza sobre isso. Mas podemos oferecer uma sugestão que achamos que vale a pena investigar mais a fundo. Uma chave para o enigma pode ser esta: a escola platônica, a escola de mistérios fundada por Platão, permaneceu ativa até 529 d.C., quando o imperador romano Justiniano (seguindo o conselho dos últimos mestres espirituais dessa escola) fechou a escola. Bem, o dodecaedro é um dos cinco corpos platônicos mencionados no diálogo *Timeu*, de Platão. Platão o vê como um símbolo da estrutura do kosmos, conforme evidenciado por sua frase: "Uma outra construção, uma quinta, ainda permaneceu [o dodecaedro; ed.],

e foi essa que o deus usou na delimitação de todo o universo."⁽³⁾

O significado cósmico que Platão dá a essa figura pode ser a razão pela qual essa forma, fundida em metal, era usada nos templos: para instrução *esotérica simbólica*. Talvez esses objetos também tivessem certas propriedades psíquico-magnéticas. psíquico Essa possibilidade também se encaixa no fato de que não foram encontradas descrições desses decaedros de metal da época romana. Lembre-se de que, nas antigas escolas de mistérios e nos colégios dos templos, o conhecimento mais profundo era sempre transmitido *oralmente* pelos hierofantes a seus alunos aceitos, sob estrita confidencialidade. Em resumo: em nossa opinião, essa parece ser uma explicação possível.

Referências

1. Entre outros: Darren Orf, 'An unbelievable relic from the Roman Empire is baffling archaeologists'. (Fonte: <https://www.popularmechanics.com/science/archaeology/a60664370/romandodecahedron/>).
2. Veja ref. 1.
3. Platão, *Timeaus*, 55c (paginação universal do Platão).



Desenvolvimentos na ciência

Qual é o caráter e o corpo físico de uma estrela?

Qual é o caráter e o corpo físico de uma estrela? A revista holandesa *New Scientist* publicou uma interessante entrevista com Conny Aerts, um astrônomo flamengo.⁽¹⁾ O artigo tinha o notável título: ‘A melodia das estrelas revela seu interior oculto’. Conny Aerts é uma pioneira na astronomia moderna. Ela lançou as bases da chamada ‘astro-sismologia’, o estudo dos terremotos estelares. Um dos objetivos da astro-sismologia é obter mais informações sobre as camadas internas das estrelas, e aqui não nos referimos às camadas astral, mental e espiritual que trabalham por trás de cada corpo celeste físico, mas ao seu interior físico, seu núcleo físico.

Citaremos parte da entrevista. Naturalmente, Conny Aerts descreverá a visão atual sobre as estrelas – uma visão baseada na ideia de que não há nada além de matéria física e forças físicas. Após a citação, apresentaremos a visão teosófica, baseada na ideia de que o Cosmos e todas as suas partes têm uma alma, sendo o produto de centros de consciência. Partindo dessa base, nossos pontos de vista muitas vezes diferem bastante da teoria astronômica atual. Por exemplo: segundo nossa opinião, um globo solar não é quente nem frio, e seu corpo não é uma ‘bola de gás ou plasma’ como conhecemos os gases e plasmas em nossa Terra. Trataremos desses dois pontos neste artigo. Mas agora vamos à entrevista:

Como isso é possível, explorando o interior das estrelas? Normalmente, a temperatura lá é de vários milhões de graus Celsius. Nenhuma entidade ou instrumento será capaz de operar lá.

‘De fato. No entanto, encontramos um método: investigar terremotos estelares. Minha pesquisa de doutorado foi sobre isso.’

Terremotos de estrelas?

‘Sim. Qualquer objeto na natureza pode tremer. Se eu bater nesta mesa, ela também vibrará por um momento. Depois, a vibração diminui novamente. Nosso planeta também tem terremotos locais que vêm e vão. As estrelas, devido à sua dinâmica extrema, geram constantemente vibrações rítmicas em seus corpos.’

O nosso sol também?

‘Sim, ele treme a cada cinco minutos.’

Como é um terremoto desse tipo?

‘No terremoto estelar mais simples, a estrela se expande e depois encolhe. Repetidamente. Mas, em geral, os padrões são muito mais complicados, também porque estamos lidando com colisões ondas, que produzem novos padrões. Esse efeito às vezes cria centenas de vibrações simultâneas. São necessários anos de medições para desvendar esse emaranhado de terremotos até chegar aos terremotos básicos. Nós descrevemos isso com uma bela matemática.’

Como esse tipo de terremoto estelar fornece informações sobre o interior das estrelas?

‘Compare-o com os terremotos. Esses produzem ondas que se chocam contra o núcleo de ferro do nosso planeta e depois voltam para a superfície. Durante sua jornada, elas são afetadas por tudo o que encontram. Os sismômetros medem as frequências de vibração e, a partir desses dados, podemos deduzir como é o nosso planeta: qual é a pressão interna, a densidade, a temperatura. Fazemos exatamente a mesma coisa. Mas com bolas de gás.’

Cada estrela no céu treme de maneira única?

‘Exatamente. Portanto, cada estrela é um instrumento musical tridimensional único. Porque o que você obtém quando altera a pressão, a temperatura e a densidade do gás? Ondas sonoras. Isso também acontece quando eu falo. Eu faço os gases vibrarem e, portanto, ouvimos uns aos outros. Portanto, pode-se dizer que a melodia das estrelas revela seu interior oculto.’

Conny Aerts e seus colegas descobriram, ela explica, que cada estrela é caracterizada por um padrão único de terremotos: que cada estrela produz uma melodia única. Qual é a causa disso? Como podemos explicar isso?

O que é uma estrela?

Quando falamos de uma estrela como o nosso sol, estamos falando de uma

entidade cósmica, uma entidade com uma magnitude cósmica de compreensão e atividades. Como todos os seres, ela se reincorpora e, em cada vida, passa pelas fases da juventude, da idade adulta e da velhice. Os astrônomos acumularam muito conhecimento externo sobre essas fases da vida: eles sabem como é um recém-nascido, um jovem, um adulto e uma estrela idosa – até que o ser solar encerre seu ciclo e, *em um piscar de olhos*, recue sua consciência (e com ela todas as entidades dentro de seu sistema) para as regiões super-espirituais: até que morra, para iniciar seu período de descanso.

Durante seus períodos de imobificação, ele trabalha em conjunto com inúmeras vidas menos evoluídas, que constroem seus corpos. O ser solar, ao iniciar seu renascimento, cria uma atmosfera, um campo de força, uma ‘aura’. Esse campo de força atrai inúmeros outros seres, para os quais é o local mais apropriado para viver e evoluir. Esses seres subordinados formam os vários ‘instrumentos’ etéreos e materiais por meio dos quais o ser solar opera. A maioria das camadas do Sol é etérea e, para nossos instrumentos físicos, não é perceptível. Portanto, considere uma estrela como uma poderosa comunidade de seres, de todos os níveis de desenvolvimento, trabalhando em estreita colaboração.

Portanto, quando pensamos na estrutura do globo físico de uma estrela, em sua camada externa e nas múltiplas camadas internas, estamos falando de *grupos de seres* que têm seu lugar apropriado dentro da esfera total do sol, assim como todos os funcionários de uma grande empresa têm seu lugar onde podem desempenhar suas funções.

As frequências vibracionais são expressões de características

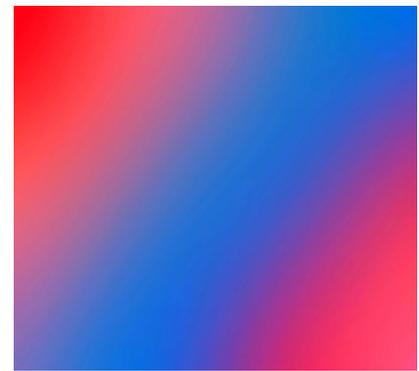
Cada ser no Universo tem sua característica essencial, a natureza ou essência de sua consciência. Na Teosofia, isso é chamado de ‘swabhāva’.

Essa nota principal ou swabhāva é refletida em seu corpo. A consciência líder coloca sua ‘marca’ em seu corpo que, como já foi dito, é formado por inúmeros seres menos evoluídos. Portanto, cada corpo é precisamente adequado para o ser líder e corresponde a ele. Além disso, cada corpo também reflete (às vezes com um atraso) as mudanças contínuas na consciência do ser. Ele segue os estágios de crescimento interno desse ser.

Isso também se aplica aos seres solares. Um ser solar reflete seu caráter específico em *todas* as suas manifestações e, entre elas, no tipo de radiação que emana (seu ‘espectro de luz’) e no padrão de seus terremotos. Pesquisadores como Conny Aerts usam os dados coletados por câmeras especializadas em satélites e métodos matemáticos de análise para descobrir qual é o ritmo básico de uma estrela. Qual é sua auto-vibração, por assim dizer. Com o sol, disse ela, isso ocorre uma vez a cada cinco minutos. Mas por trás desses números sóbrios estão as diferenças de características. Vamos explicar isso com um exemplo.

Considere, por exemplo, o espectro da radiação visível. A luz vermelha e a azul têm frequências diferentes, e você pode medi-las. Mas a cor vermelha tem um impacto emocional diferente sobre nós do que a azul: o vermelho parece quente, ativador e, às vezes, alarmante; o azul parece frio, distante, é mais calmante.

O fato de as cores expressarem uma determinada característica também se aplica às estrelas. Veja uma estrela vermelha e azul, por exemplo.



A maioria das pessoas veem as partes vermelhas como primeiro plano e a parte azul como segundo plano como o fundo silencioso.

E então nos referimos à cor vista de um ponto de observação fora da atmosfera da Terra, porque nossa atmosfera pode modificar muito a radiação recebida, fazendo com que ela pareça diferente. O vermelho, diz Gottfried de Purucker, está relacionado à característica ‘força do desejo’. O azul índigo está relacionado ao caráter ‘pensamento superior’. Mas, adverte De Purucker, isso não significa que todas as estrelas avermelhadas sejam espiritualmente menos desenvolvidas do que as azuladas. Não é tão simples assim.

Em primeiro lugar, não é tão simples assim, pois *cada cor* tem um aspecto espiritual, altamente evoluído, e um aspecto material. Em segundo lugar, de uma perspectiva, a cor azul visível como tal indica uma propriedade *relativamente* material. A radiação de alta frequência é conhecida como radiação dura, pois se comporta mais como uma partícula. Dentro do espectro de cores que nossos olhos podem ver, o azul tem uma frequência muito mais alta do que o vermelho. Nesse sentido, o vermelho é um sinal de estado etéreo relativo.⁽²⁾ Em todos os casos, cada ser manifesta precisamente as características de sua *consciência*, não pode ser de outra forma.

O que há dentro da esfera solar brilhante que vemos no céu?

Conny Aerts explicou que os terremotos do sol nos dão pistas sobre sua estrutura interna, assim como as ondas de terremoto dão pistas sobre a estrutura interna da Terra. Foi calculado, por exemplo, que as camadas internas da esfera solar giram mais rapidamente em torno de seu eixo do que o exterior, resultando em uma enorme interação dinâmica de fluxos e vórtices. Portanto, a pergunta é: o que há dentro dessa esfera brilhante que chamamos de 'sol'? O ensinamento teosófico sobre isso pode parecer surpreendente: nós nem sequer vemos o verdadeiro corpo solar!

O verdadeiro corpo físico do sol consiste em um núcleo milagrosamente pequeno, composto de substância física em seu estado mais *espiritual*.⁽³⁾ Ele é invisível para nós, em nosso estágio atual de evolução. “O próprio sol, seu núcleo, poderíamos segurar na palma de nossa mão”, escreveu Gottfried de Purucker.⁽⁴⁾

Tão pequeno. No entanto, esse núcleo é o ponto focal, o portal, de forças cósmicas gigantescas, que entram e saem.

O globo solar que vemos é um fenômeno ilusório. Você pode vê-lo como uma 'aura' irradiada de natureza etérea. Você pode comparar o globo solar a um poste de luz no meio da noite, quando há neblina ou chove fraco. Nesse caso, você vê uma espécie de esfera redonda de luz refletida ao redor da lâmpada, e não a lâmpada em si (que não pode ser vista, ou apenas vagamente). O sol visível, aquela esfera extremamente brilhante que não podemos ver a olho nu durante o dia, é uma *esfera de influência*, uma aura. Ela esconde sua verdadeira estrutura!

Agora você pode se perguntar: os pesquisadores demonstraram a presença

de todos os átomos químicos conhecidos no orbe solar. Então, por que você chamam esse orbe de 'etéreo'?

A chave é: esses átomos (lembre-se, eles são seres), incluindo o hidrogênio e o hélio, estão em um estado muito diferente durante sua permanência dentro dessa aura solar do que durante sua permanência na Terra. Sua natureza fundamental é a mesma: o hidrogênio, por exemplo, ainda é hidrogênio, mas os seres de hidrogênio dentro do sol estão em uma condição muito mais etérea. Eles se comportam de forma diferente, muito mais dinâmica do que na Terra. Isso explica a dinâmica extrema dos fluxos materiais e magnéticos que observamos no sol. Isso também explica por que os terremotos solares nunca 'ricocheteiam', mas se movem por todo o orbe solar.

Agora também podemos responder a esta pergunta: por que os cientistas acreditam que a esfera solar é muito quente, enquanto nós afirmamos que ela não é nem quente nem fria? A questão é: *na Terra*, somente os gases muito quentes se comportam de forma semelhante às substâncias solares. Assim, os cientistas concluíram que a superfície do sol deve estar em torno de seis mil graus Celsius. Mas a aura do sol não é quente, embora algum calor possa surgir em suas camadas externas; sua enorme radiação é causada pelo caráter relativamente etéreo de seus componentes. Para obter mais explicações sobre isso, consulte a referência 5.⁽⁵⁾

Descobertas futuras ...

Conny Aerts, como mencionado acima, fez uma grande contribuição para o estudo de terremotos estelares. Por isso, ela recebeu o Prêmio Kavli em 2022, informalmente conhecido como 'o prêmio Nobel de astronomia'. Talvez seja interessante observar: ela

nasceu em uma família simples da classe trabalhadora. No entanto, seu interesse pelas estrelas era intenso desde criança. Para ela, as tardes e noites eram períodos de grande maravilhamento. E graças ao atento diretor de sua escola primária, ela teve a chance de estudar.

Acreditamos que, ao ouvir cada vez mais atentamente “a melodia dos planetas e das estrelas”, importantes descobertas ainda serão feitas. Para dar uma dica. Os Mestres de Sabedoria fizeram esta previsão no final do século XIX: a ciência começará a ouvir, em vez de ver, certos planetas invisíveis.

Referências

1. New Scientist, Dutch edition, June 2023, p. 21-25.
2. G. de Purucker, 'Hierarchies and the doctrine of emanations'. In: *Esoteric Teachings*. Volume 5. Haia, I.S.I.S. Foundation, 2015, p. 100-104 (p. 65-68 original English edition).
3. G. de Purucker, *Fundamentos da Filosofia Esotérica*. Fonte: [https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-depurucker/\(PT\)Fundamentos da Filosofia Esoterica](https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-depurucker/(PT)Fundamentos da Filosofia Esoterica)
4. Ver ref. 3, p. 322-323.
5. Ver ref. 3, p. 317, 319; G. de Purucker, 'Galaxies and Solar Systems'. Em: *Esoteric Teachings*. Volume 4. Haia, I.S.I.S. Foundation, 2015, p. 37 (p. 17 Edição original em inglês).
6. *As cartas dos Mabatma para A.P. Sinnett*, transcrito e compilado por A.T. Barker, em sequência cronológica. Quezon City, Philippines, Theosophical Publishing House, 1993, carta 93B, resposta à pergunta 14, p. 325 (carta no. 23b na edição de A.T. Barker).

Agenda

Palestras em inglês

Série 3, dezembro – janeiro

Uma visão não política do clima político global

05-01 Uma democracia sábia

Quando observamos as campanhas eleitorais em todo o mundo e a prática diária de governança, surge a pergunta: a sabedoria e a democracia realmente andam juntas? Uma democracia sábia é uma utopia? A história mostra que a governança sábia é de fato possível. Como está funcionando e como reconhecer líderes sábios?

12-01 Reunião de estudo sobre a palestra de 05-01

A possibilidade de se registrar para este estudo será adicionada um mês antes do estudo. Se você quiser participar, é recomendável que tenha assistido à palestra.

Série 4, janeiro – fevereiro

O Nascimento Místico

19-01 Os quatro momentos sagrados do ano

Há quatro pontos sazonais sagrados no ano: o solstício de inverno, o equinócio de primavera, o solstício de verão e o equinócio de outono. Nessas épocas, as correntes espirituais que emanam do sol em todo o sistema solar são mais favoráveis para a iniciação nos Mistérios da Vida. Os quatro estágios de treinamento que precedem a iniciação são como escadas. Eles são uma aceleração do processo evolutivo porque, em um curto espaço de tempo, tudo o que está oculto no homem em termos de qualidades maiores de consciência se torna aparente.

26-01 Reunião de estudo sobre a palestra de 19-01

02-02 O Vigilante Silencioso como Iniciador

O Vigilante Silencioso faz parte da Hierarquia da Compaixão. Ele aprendeu tudo o que há para aprender em nossa esfera de vida. Mas em seu processo de crescimento, o Vigilante Silencioso abandonou qualquer pensamento de recompensa ou avanço individual e dedica sua vida a inspirar o mundo, apenas até que todos tenham alcançado a mesma sabedoria que ele. O que esse Ser Maravilhoso tem a ver com a iniciação do homem nos Mistérios?

09-02 Reunião de estudo sobre a palestra de 02-02

PALESTRAS SOBRE 150 ANOS DE TEOSOFIA

2025 marca o 150º aniversário da fundação da Sociedade Teosófica. Pelo menos seis gerações trabalharam em todo o mundo desde 1875 para substituir visões e preconceitos antigos e limitados por visões novas, mais amplas e universais.

Nossa equipe de palestrantes escolheu uma maneira *ativa* de abordar isso. Cinco séries de palestras em 2025 têm o tema '18 Milhões de Anos de Theosophia; 150 Anos de Teosofia'. Elas formam uma palestra contínua, por assim dizer, na qual o estímulo ao crescimento da humanidade é acompanhado passo a passo. Desde a rede mais universal de reformadores do mundo espiritual até as pequenas melhorias e liberdades sociais, que hoje todos consideram garantidas, mas pelas quais um pequeno grupo de pioneiros sempre lutou.

Esperamos mostrar a interconexão orgânica entre todas essas atividades maiores e menores, para que você possa descobrir por si mesmo *se, e com o que, você* gostaria de contribuir para esse processo de despertar espiritual da humanidade.

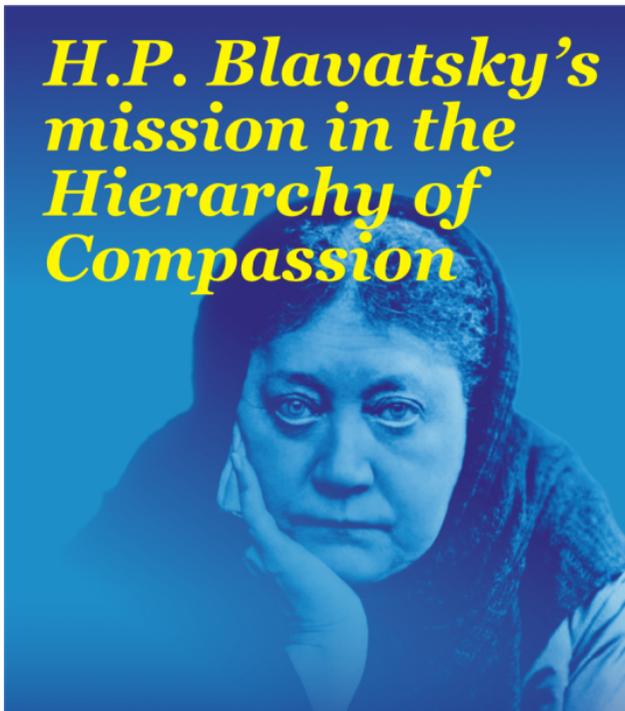
E uma coisa é certa: todos podem.

Durante essas cinco séries de palestras, também mudamos um pouco nossas reuniões de domingo à noite. Em vez de nossa habitual alternância semanal de palestras e reuniões de estudo, agora oferecemos uma palestra *todos* os domingos à noite, sendo que os últimos 30 minutos serão dedicados a um estudo conjunto do tópico.

As duas primeiras dessas cinco séries de palestras, em fevereiro e março de 2025, são:

A Hierarquia da Compaixão – em todo o mundo, de todos os tempos

Em todas as épocas e em todo o mundo, há pessoas que se preocuparam ativamente com o desenvolvimento ético-moral da humanidade como um todo. Elas se uniram em uma cooperação conhecida como Loja de Sabedoria e Compaixão. Essa Loja pertence à Hierarquia da Compaixão. Quem ou o que é essa Hierarquia? Com que propósito e como está operando? Como a reconhecemos e o que ela significa para nós hoje? Nesta série, destacamos o trabalho da Hierarquia da Compaixão, até o impulso de H.P. Blavatsky.



- 16-02** A Hierarquia da Compaixão – mundial, de todos os tempos
- 23-02** O despertar da humanidade
- 02-03** Escolas de Mistérios: a fonte-fonte de toda religião, filosofia e ciência
- 09-03** Impulsos espirituais antes de H.P. Blavatsky (1875)

A missão de H.P. Blavatsky na Hierarquia da Compaixão

Esta série se concentrará em Helena Petrovna Blavatsky e em seu trabalho. Quatro palestras, não sobre ela como pessoa – pois não há nada mais chato do que olhar álbuns de fotos antigas – mas sobre a *função* que ela teve no trabalho da Hierarquia da Compaixão. Seu trabalho não foi uma apresentação individual, mas um evento em grupo, junto com professores e professores de professores, alcançando as camadas internas – a alma e o espírito – deste planeta Terra vivo. A compreensão dessas camadas mais profundas nos dá uma visão do lugar e da tarefa de nós mesmos nesse evento grupal, que continua em andamento até hoje. O *como* e o *porquê* de suas ações é o tema da primeira palestra desta série. As outras palestras se concentram em três impulsos espirituais que ela deu ao pensamento da humanidade. Três explosões de novas ideias, novas visões, que mudaram permanentemente a mentalidade da humanidade. O primeiro impulso foi seu trabalho em Nova York, onde ela fundou a Sociedade Teosófica. O segundo

impulso foi seu trabalho na Índia e o terceiro impulso foi seu trabalho pioneiro na Europa.

- 16-03** H.P. Blavatsky: o Mistério (exotérico e esotérico)
- 23-03** Desvendando os mundos invisíveis
- 30-03** Descobrindo a Sabedoria Oriental
- 06-04** A Doutrina Secreta e a Escola Esotérica

As palestras em inglês são realizadas todos os domingos à noite. Para ver o programa completo, consulte: <https://blavatskyhouse.org/lectures/>

International Theosophy Conferences (ITC)

**Anúncio do tema da conferência de 2025:
Celebração dos 150 anos da Teosofia moderna**

Data:

8 de agosto de 2025 - 11 de agosto de 2025

Cólofon

Editores:

Barend Voorham, Henk Bezemer,
Rob Goor, Nico Ouwenhand, Erwin Bomas,
Bouke van den Noort.

Editor-chefe: Herman C. Vermeulen

Sede editorial: De Ruijterstraat 72-74, 2518
AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

Mensagens do leitor:

A direção editorial reserva-se ao direito de
fazer uma seleção e/ou de resumir as
mensagens recebidas

Subscrições:

Esta tradução para português foi feita a
partir do 22.º número gratuito da versão
inglesa de Lúcifer, o Portador da Luz. Para
subscrições: enviar mensagem para a sede
editorial: luciferred@stichtingisis.org.
Tarifas a pedido.

Editores:

I.S.I.S. Foundation, Blavatskyhouse,
De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45,
e-mail: luciferred@isis-foundation.org
internet: www.blavatskyhouse.org

© I.S.I.S. Foundation

Nenhuma parte desta publicação pode ser
reproduzida ou tornada pública por
qualquer forma ou meios: eletrónica,
mecânica, por fotocópias, gravações, ou de
outra forma, sem permissão anterior da
Editora.

Fundação I.S.I.S.

O nome da Fundação [Stichting, em holandês]
é "Stichting International Study-centre for
Independent Search for truth". A sua sede é
em Haia, nos Países Baixos.

O objetivo da Fundação é formar um núcleo de
Fraternidade Universal, através da
disseminação do conhecimento sobre a
estrutura espiritual do ser humano e do
cosmos, livre de dogmas.

A Fundação visa concretizar
este objetivo através de cursos, organizando
palestras públicas, publicando livros, brochuras
e outras publicações, e recorrendo a todos os
recursos disponíveis com vista a este fim.
A Fundação I.S.I.S. é uma organização sem fins
lucrativos, reconhecido como o tal pela
autoridade tributária dos Países Baixos. Para
fins fiscais, a Fundação I.S.I.S. tem o que se
chama de estatuto ANBI. ANBI significa
Organização para o Benefício Geral (Algemeen
Nut Beogende Instelling).

Os requisitos mais importantes para obter o
estatuto ANBI são:

É uma organização sem fins lucrativos,
portanto não tem rendimentos. Quaisquer
lucros que resultem da venda de livros, devem
ser totalmente utilizados para atividades gerais
de beneficência. Para a Fundação I.S.I.S., isto
significa espalhar a Teosofia. (Ver o estatuto,
objetivos e princípios para mais informação.)

Os membros da Direção devem preencher
requisitos de integridade.

O ANBI deve ter uma propriedade separada,
pelo que um diretor ou decisor não pode
tomar decisões sobre esta propriedade como
se fosse sua.

A remuneração dos membros da direção
apenas pode consistir de um reembolso de
despesas e assistência. O número ANBI da
Fundação I.S.I.S. É o 50872.

Fundação I.S.I.S.

As atividades da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for Truth) baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um facto na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbítrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspectiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento da própria perspectiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer, literalmente significa Portador da Luz.

Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem os seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.

Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos.

É para estas pessoas que esta revista é escrita.

“... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com ideias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton ... Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para factos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os factos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspeto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes...”

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887).